

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

PAULA GIORDANI

**TRANSIÇÃO CAPILAR NO INSTAGRAM: VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA
MULHERES NEGRAS ATRAVÉS DO CABELO LISO COMO PADRÃO DE
BELEZA**

SÃO LEOPOLDO
2020

Paula Giordani

TRANSIÇÃO CAPILAR NO INSTAGRAM: Violência simbólica contra mulheres
negras através do cabelo liso como padrão de beleza

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Publicidade e Propaganda, pelo Curso de
Comunicação Social da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Maria Clara Aquino Bittencourt

São Leopoldo

2020

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

AUTORIZAÇÃO

Paula Giordani

**TRANSIÇÃO CAPILAR NO INSTAGRAM. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA
MULHERES NEGRAS ATRAVÉS DO CABELO LISO COMO PADRÃO DE
BELEZA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Clara Aquino Bittencourt (Orientadora)

Profa. Ma. Lisiane Fagundes Cohen

Profa. Ma. Sônia Aparecida Zardenunes

São Leopoldo, 08 de Julho de 2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, pelo incentivo e apoio em minhas escolhas. Agradeço infinitamente por lutarem por minha educação e por confiarem em mim. Sem vocês, essa graduação não seria possível, meu amor por vocês é imensurável.

Ao Kim, por ser o meu maior motivador e incentivador durante todo esse projeto, tu é meu maior exemplo de dedicação, agradeço por me encorajar nos momentos em que mais precisei, obrigada sobretudo, por acreditar em mim.

À minha querida e excelente orientadora, Maria Clara, tu foi essencial na construção desse trabalho, te agradeço por ter aceitado me orientar e por permanecer quando decidi mudar o assunto. Esteve sempre disposta a me auxiliar, graças a sua ajuda, acreditei que seria possível e hoje posso me orgulhar dessa construção acadêmica.

Agradeço imensamente ao movimento do feminismo negro, à todas as mulheres negras que, indiretamente auxiliaram na elaboração dessa pesquisa, através de suas obras, vivências e lutas.

Escrever esse trabalho foi uma forma de ativismo, desconstrução e evolução pessoal, dedico ele especialmente para você, mulher negra em transição capilar, é possível vencer esse processo e a sociedade deve aprender que padrão de beleza é o que cada mulher escolhe como seu. Aceite seu cabelo crespo, aceite sua negritude.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar como o Instagram auxilia mulheres negras a enfrentarem o processo de transição capilar e como a violência simbólica está inserida no padrão de beleza do cabelo liso. Para isso, é necessário que entendamos o que é a violência simbólica e como ela se instaura em nossa sociedade. Ao falarmos sobre a busca de apoio que mulheres negras fazem no Instagram durante o período da transição capilar, é necessário que falemos sobre o feminismo e sua importância. Trataremos sobre o feminismo no geral e o feminismo negro, mostrando a relevância deste e a necessidade de estar em pauta. Para verificarmos como a violência simbólica que mulheres negras enfrentam através do padrão imposto de que o cabelo liso é o aceito, foi realizada uma coleta de dados através da plataforma Export Gram, da qual foram extraídos comentários de duas publicações dos dois perfis escolhidos para a pesquisa, através do método análise de produção de sentidos. Com a análise ficou evidente a violência simbólica que mulheres negras enfrentam da sociedade impondo o cabelo liso como o padrão estético aceito. Foi percebido que a quantidade de perfis tratando sobre o assunto transição capilar e normalizando-o vem crescendo na rede social Instagram e aos poucos se inserindo nos meios tradicionais de mídias e comunicação, proporcionando lugar e voz para as mulheres negras e seus cabelos crespos.

Palavras-chave: Transição capilar. Cabelo crespo. Feminismo. Feminismo negro. Mulheres negras.

ABSTRACT

This work aims to analyze how Instagram helps black women to face the transition process and how symbolic violence is inserted in the beauty pattern of straight hair. For that, it is necessary that we understand what is symbolic violence and how it is established in our society. When talking about a search for support that black women do on Instagram during the transition period, we need to talk about feminism and its importance. We will deal with non-general feminism and black feminism, showing how the latter is relevant and need to be on the agenda. To verify how the symbolic violence that black women face using the imposed standard of hair or straight hair is accepted, a data collection was carried out using the Export Gram platform, which were the comments extracted from two publications of the two profiles chosen for the research, through the method of analysis of meaning production. With the analysis it became evident the symbolic violence that black women face of society imposing straight hair as the accepted aesthetic standard. It was noticed that the number of profiles dealing with the subject of capillary transition and normalizing it has been growing in the Instagram social network and gradually inserting itself in the traditional media and communication media, providing a place and a voice for black women and their curly hair.

Keywords: Capillary transition. Curly hair. Feminism. Black feminism. Black women.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antes, durante e após a transição capilar	15
Figura 2 - Pesquisa do Google por “mulher mais feia do mundo”	18
Figura 3 - Publicação 1 perfil do Instagram de Lizzie	19
Figura 4 - Publicação 2 perfil do Instagram de Lizzie	20
Figura 5 - Publicação perfil no instagram de Maíra	21
Figura 6 - Publicação Instagram de Kenya sem maquiagem	31
Figura 7 - Publicação Instagram de Kenya com maquiagem	32
Figura 8 - Publicação perfil no Instagram de Cris Paladino	33
Figura 9 - Publicação perfil no Instagram de Monique sobre cabelo crespo	34
Figura 10 - Publicação perfil no Instagram de Monique sobre inspiração	35
Figura 11 - Publicação perfil Instagram da Amanda com Ana Lúcia	43
Figura 12 - 1ª publicação analisada	44
Figura 13 - 2ª publicação analisada	48
Figura 14 - 3ª publicação analisada	50
Figura 15 - 4ª publicação analisada	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comentários publicação 1 - Amanda	45
Tabela 2 - Comentários publicação 2 - Amanda	48
Tabela 3 - Comentários publicação 1 - Ana Lúcia	50
Tabela 4 - Comentários publicação 2 - Ana Lúcia	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BC	Big Chop
CMC	Comunicação Mediada pelo Computador
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
LIC	Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento
NI	Não Identificado
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA	17
2 FEMINISMO E CABELO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DESSA RELAÇÃO	22
2.1 O FEMINISMO E O FEMINISMO NEGRO	22
2.2 O CABELO CRESPO PERANTE A SOCIEDADE	26
2.3.1 Instagram e a conversação em rede	29
3 VIOLÊNCIA	36
3.1 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA	38
3.2 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS REDES SOCIAIS	40
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
4.1 MÉTODO ESCOLHIDO	40
4.2.1 Escolha dos perfis analisados	42
4.2.2 Extração de comentários para análise	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

Atualmente mulheres negras e feministas seguem em uma constante luta para quebrar estereótipos estipulados pela nossa sociedade. Ribeiro (2018) explica que esses estereótipos se tratam de generalizações impostas a específicos grupos sociais, normalmente os grupos oprimidos. Contesta ainda que em uma sociedade machista, é imposta a criação de papéis de gêneros como forma de manutenção de poder, o que acaba negando humanidade às mulheres.

Historicamente as mulheres lutam para adquirir a igualdade que lhes é de direito em comparação aos homens, direito este que não interferirá de forma alguma na vida dos já privilegiados. Muitas vezes mulheres negras não possuem essa igualdade nem em comparação às mulheres brancas. Levando isso em consideração, no presente trabalho será falado sobre dois tipos de feminismo: o que engloba todas as mulheres que estão em busca de seus direitos na sociedade e, especificamente, o feminismo negro, pautado após mulheres negras perceberem que eram situadas em estruturas de poder de formas diferentes das mulheres não negras.

Ribeiro (2019) expõe que a história do feminismo negro nos ensina a importância de nomear as opressões e devemos aprender a fazê-la, pois é impossível combater aquilo que não tem nome. Portanto é necessário reconhecer o racismo para combatê-lo da melhor forma possível e não se deve ter medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”.

Infelizmente, mesmo sabendo que se os direitos das mulheres fossem igualados aos dos homens nenhuma parte seria afetada, vivemos em uma sociedade ainda extremamente racista, machista e egoísta, em que o patriarcado é o sistema social dominante, que em sua grande maioria pensa somente em si e nos padrões já estabelecidos e que somente estes possuem o direito de viver sem preconceitos, ignorando todas as minorias. Tiburi (2019) diz que o patriarcado é uma forma de poder, ele é feito e alimentado através de ideias inquestionáveis, de muita violência física e simbólica, de sofrimento e culpa. Explica ainda que isso tudo é administrado por pessoas que possuem como base em seu interesse manter os

seus privilégios, sendo eles de gênero, sexualidade, raça, classe e idade, e o feminismo chega como agulha para furar esta bolha.

Como parte das minorias citada anteriormente temos a mulher negra, que muitas vezes é definida e descrita por seu corpo, alguns traços característicos e pelos seus cabelos crespos. Esse mesmo cabelo faz a sociedade que é racista se mostrar racista, faz a mídia não permitir uma representatividade para estas mulheres, faz as pessoas despejarem comentários racistas disfarçados de “piadas”. Ribeiro (2018) acrescenta que as ideias racistas devem ser combatidas e não entendidas como uma mera opinião, ideologia ou ponto de vista diferente, que elas devem ser reprimidas e não justificadas.

A negra ouve que seu cabelo é “ruim” desde criança e isto a faz querer alisá-lo para se enquadrar no seu círculo social. De alguns anos para cá nós vemos, finalmente, uma representatividade crescendo, campanhas publicitárias fazendo aquilo que foi esperado por muito tempo, realizando publicidade com mulheres negras e seus cabelos naturais, crespos, vemos também mais produtos para os diferentes tipos de cabelos crespos sendo comercializados, um grande aumento de negras como referências nas redes sociais e uma maior representatividade nos veículos de mídia. Trabalhos com mulheres negras sendo protagonistas ainda são escassos, porém vêm ganhando o seu espaço.

Neste trabalho aborda-se como mulheres negras utilizam a rede social Instagram para encontrar apoio, incentivo e inspiração para assumir o seu cabelo crespo e enfrentar o processo de transição capilar. Esse apoio será estudado através de uma análise de comentários em dois perfis da rede social citada, perfis estes de mulheres que enfrentaram a transição capilar e foram, ao longo do processo, compartilhando os momentos vivenciados com suas seguidoras, o que acarretou em um grande crescimento em seus números de seguidoras, tornando-as conhecidas como *digital influencers* ou, em português, influenciadoras digitais.

O tema deste trabalho tratará sobre transição capilar, investigando como a rede social Instagram pode servir como um facilitador para o enfrentamento desse processo. Para falar sobre transição capilar, é necessário primeiramente explicar do que ela se trata e o porquê dela acontecer. Nesta explicação, o assunto violência simbólica também será apresentado para que seja possível o entendimento do por

que muitas mulheres negras alisam os seus cabelos. Será realizada uma análise com mulheres negras vítimas de violência simbólica através da cultura imposta pela sociedade, que engloba o cabelo liso como padrão de beleza.

Conforme explicado pelo *blog* Encrespando (2013), a transição capilar se refere ao processo de assumir os fios capilares naturais, desistindo assim da utilização de produtos químicos para alisamento, ou o chamado “relaxamento”¹, permitindo o crescimento natural do cabelo. O processo de naturalização do cabelo crespo pode ser e é visto como um ato de coragem, de libertação, de orgulho da sua própria identidade e, principalmente, um ato de aceitação.

No período da transição capilar, o cabelo passa a possuir duas texturas, sendo uma delas o crespo natural que cresce normalmente e a outra textura é o liso que foi feito anteriormente com técnicas de alisamento. A transição capilar se dá por encerrada no momento em que é realizado o *big chop*, também chamado de “BC”, traduzindo, o “grande corte”, quando a parte que ainda resta química e está lisa é cortada, deixando apenas o cabelo natural.

Na figura 1 temos um exemplo do período de transição com fotos da influenciadora e *youtuber* Bianca Barcelos. Na primeira foto ela está com produto químico para manter o cabelo alisado, na segunda foto, no processo da transição em que o cabelo encontra-se com as duas texturas mencionadas acima e, na terceira foto, com o cabelo completamente natural após a realização do BC.

¹ Relaxamento capilar trata-se de um tratamento químico indicado para mulheres com cabelos crespos/cacheados que desejam alisar os fios ou diminuir o volume e sua definição. Este procedimento muda a estrutura do fio natural do cabelo, para conseguir assim a diminuição do volume.

Figura 1 - Antes, durante e após a transição capilar.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ddvc8qlh99c> (2019)

A maioria das mulheres que utilizam ou utilizaram de química para alisamento dos seus cabelos provavelmente enfrentou algum tipo de violência simbólica, o que a fez realizar o alisamento, simplesmente por ter o cabelo crespo. Aqui se fala em “maioria”, pois se tem como objetivo explicitar que não se trata de todas, pois há, e é normal, mulheres que seguem alisando o seu cabelo simplesmente por preferência e é preciso respeitá-las.

Existem diversos tipos de violência na sociedade, como as verbais, o preconceito em si, o *bullying*², a homofobia, o feminicídio, o racismo, as agressões físicas, etc. São vários tipos de violência que conhecemos e que acontecem atualmente. Essas violências ocorrem quando alguém utiliza intencionalmente de sua força física, ou do poder de ameaçar, agredir e fazer com que pessoas se submetam, privando-as de serem livres. Tudo isso com a consequência de algum dano, seja ele psicológico, físico, emocional, ou até a morte. Um desses tipos de violência é a simbólica.

Muitas pessoas não sabem identificar, acreditam que não conhecem ou que no meio em que estão inseridas ela é inexistente. Porém a violência simbólica se trata de um tipo de violência tão enraizado que muitas vezes é difícil de percebê-la. O conceito de violência simbólica foi idealizado pelo sociólogo francês Pierre

² Significado de *bullying*: Forma de violência que, sendo verbal ou física, acontece de modo repetitivo e persistente, sendo direcionada contra um ou mais colegas, caracterizando-se por atingir os mais fracos de modo a intimidar, humilhar ou maltratar os que são alvos dessas agressões. Fonte disponível: <https://www.dicio.com.br/bullying/>

Bourdieu, no qual ele explica a diferença desse tipo de violência para as demais. Bourdieu (2012) relata que a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos e, como que por magia, não ocorre nenhuma coação física, mas ele complementa que essa chamada “magia” só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos.

Bourdieu (2012) explica que os próprios dominados acabam por aplicar categorias construídas através da perspectiva dos dominantes, naturalizando-as. Se fizermos uma associação com a realidade, conseguimos notar a violência simbólica através da imposição de um padrão cultural de beleza de que o cabelo liso é o cabelo mais adequado para mulheres, independente de suas origens e culturas, fazendo com que as mulheres negras com cabelos crespos naturalizem esse padrão criado pelas dominantes e acabem por segui-lo.

Ao realizar a pesquisa e a análise de comentários de mulheres vítimas de violência simbólica através do padrão de beleza instaurado pela sociedade, em que se sentiram “forçadas” a alisar o cabelo, se busca compreender como a rede social Instagram tornou-se um motivador para enfrentarem a transição capilar e conhecer sua nova identidade.

O problema de pesquisa busca entender: como a violência simbólica que atinge mulheres negras através do padrão de beleza baseado no cabelo liso pode ser superada através de perfis de apoio ao processo de transição capilar no Instagram?

Analisar publicações de perfis no Instagram que podem auxiliar no processo de transição capilar de mulheres negras.

- Observar os comentários das mulheres seguidoras dos perfis analisados para mapear possíveis ocorrências de violência simbólica contra mulheres negras causada pelo padrão de beleza baseado no cabelo liso.
- Analisar os comentários das seguidoras para identificar sentidos que revelam conteúdos sobre violência simbólica causada pelo padrão de beleza baseado no cabelo liso.

- Verificar o impacto do Instagram como um elemento facilitador no processo de transição capilar de mulheres negras que buscam aceitação de seu próprio cabelo e identidade.

1.1 JUSTIFICATIVA

O tema transição capilar associando a rede social Instagram como um facilitador foi escolhido com algumas motivações. A principal delas é justamente pelo fato da autora, após ter enfrentado uma infância e adolescência difícil tentando enquadrar-se nos padrões da sociedade com a intenção de se sentir mais incluída e aceita, decidiu realizar o processo da transição capilar durante a construção do projeto de pesquisa que, posteriormente, se transformou no presente trabalho de conclusão de curso.

Por se tratar de um trabalho voltado à mulheres, no qual falaremos sobre o feminismo, analisaremos comentários de mulheres que enfrentaram a transição e por ser escrito por uma mulher, inspirada na dissertação de Francine Malessa (2019), optou-se pela utilização da expressão gramatical no gênero feminino. Mäder (2015) explica que, na maioria das vezes, o gênero gramatical escolhido é o masculino, não somente na língua portuguesa como na maioria das línguas do mundo. Para fugir deste padrão e realizar um trabalho em que mulheres sintam-se mais representadas, falaremos no gênero feminino.

Outro intuito é mostrar que o Instagram, além de um aplicativo para postagens e compartilhamento de fotos com os amigos, também provoca mudanças na vida real de suas usuárias, ainda que o propósito não venha da rede social em si, mas sim de usuárias que desejam incentivar outras a realizar a transição capilar, mostrando a verdade sobre este processo.

O próprio Instagram publicou no seu perfil oficial³ em junho de 2018 que a rede social havia atingido o número de 1 bilhão de usuários ativos e é surpreendente como esta plataforma vem auxiliando pessoas que se sentem “fora dos padrões”, o quanto o empoderamento está crescendo, o quanto o medo do que

³ Fonte: Publicação com informação sobre 1 bilhão de usuários - <https://www.instagram.com/p/BkQYhmdj2qA/?igshid=1g2pzvccw0nzn> acessada em 13/10/2019.

as outras irão pensar está sendo deixado de lado. Com isso, a era “influenciadores digitais” cresceu consideravelmente, tornando-se, inclusive, uma profissão.

Como exemplo de um perfil que se enquadra fora dos padrões de beleza criados pela sociedade e que vêm crescendo e influenciando as pessoas a se aceitar é o perfil da americana Lizzie Velasquez, de 30 anos de idade. Lizzie sofre de uma rara síndrome que impede que ela consiga adquirir gordura corporal, e ficou conhecida na *internet* como “a mulher mais feia do mundo”, com criação do que é chamado de memes, mas que na verdade são montagens e postagens totalmente ofensivas. Conforme podemos visualizar na figura 2, quando pesquisado no Google a frase pela qual ela ficou conhecida, pelo menos as primeiras cinco fotos são dela, uma violência simbólica tremenda, pois isso só reforça que continuem a tratá-la de maneira degradante.

Figura 2 - Pesquisa do Google por “mulher mais feia do mundo”



Fonte: *Printscreen* realizado pela autora (2019)

A Lizzie se denomina, em seu perfil do Instagram, como oradora motivacional. Ela ministra diversas palestras por todo o mundo falando sobre *bullying* e como é viver com todas estas ofensas. Muito ativa na rede, devido a sua

frequência de postagens, atualmente ela possui cerca de 633 mil seguidores⁴. Seu perfil possui como característica de postagens o estilo chamado *lifestyle* (estilo de vida, em português), mostrando sua vida e sua rotina, tudo através das fotos e suas legendas, incentivando que as pessoas se aceitem como são, que não precisam ter vergonha de serem elas mesmas e que precisam sempre agradecer à vida. Abaixo temos dois posts da Lizzie em que ela fala sobre amor próprio e sobre reflexões de quando ela vê posts falando sobre a sua aparência.

Figura 3 - Publicação 1 perfil do Instagram de Lizzie



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B8rJuPfhFJk/?igshid=10lhpxmpvch0a> (2020)

⁴ Fonte disponível em: <https://www.instagram.com/littlelizziev/> acessado em 12 de abril de 2020.

Figura 4 - Publicação 2 perfil do Instagram de Lizzie



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B9JCLsNhmsU/?igshid=164lxt9mmo8op> (2020)

Outro perfil que pode ser citado como exemplo, é o perfil da brasileira Maíra Medeiros, com 730 mil seguidores⁵. Maíra é *youtuber*, *podcaster*, influenciadora digital e autora do livro “Este livro é coisa de mulher: Desconstruindo para construir”, onde fala sobre feminismo e a luta das mulheres. Ela é uma mulher feminista que em seus vídeos e posts fala muito sobre empoderamento e também sobre aceitação, pois ela é uma mulher que possui um corpo fora dos padrões impostos, possui o cabelo totalmente colorido, usa roupas extravagantes e faz questão de falar e mostrar que o importante é ser você mesma. Na maioria das fotos da Maíra, ela posta a foto com filtro e, no mesmo *post* em carrossel⁶, posta a mesma foto sem filtro, para que os seguidores vejam também a foto natural. Ela defende muito que as mulheres devem se orgulhar de ser quem são e como são e não deixar de fazer suas atividades de ir a lugares por medo de julgamentos.

⁵ Fonte disponível em: https://www.instagram.com/mairamedeiros_/ acessado em 12 de abril de 2020.

⁶ Carrossel é uma função do Instagram que permite o usuário publicar até 10 imagens ou vídeos em um mesmo *post*.

Figura 5 - Publicação perfil no Instagram de Maíra



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B66Kz1JAQb2/?igshid=w eu7r2pbomjt> (2020)

Para falarmos sobre a influência do Instagram como um incentivador para a transição capilar de mulheres, falaremos também sobre o feminismo e o feminismo negro. Mostrar o porquê da necessidade dessas duas formas diferentes do feminismo, suas lutas e barreiras diferentes.

Definindo e explicando a violência simbólica inserida desde a infância de mulheres negras, a ideia é mostrar que o Instagram, além de ser uma rede social para compartilhar fotos e expor sua vida pessoal para as seguidoras, o mesmo serve como influência, até mesmo auxiliando mulheres a encontrarem sua própria identidade, através da transição capilar.

Para conseguir resultados para os objetivos específicos, que se trata de identificar a forma como a violência simbólica é persuadida desde a infância de mulheres negras e analisar experiências de mulheres que foram impactadas através do Instagram a enfrentar a transição capilar, o delineamento da pesquisa será, então, através da análise de comentários, identificando e mostrando como os dois perfis escolhidos auxiliaram, através de conteúdos no seu Instagram, outras mulheres a enfrentarem o processo de transição capilar. Mostrando também, ainda

analisando esses comentários, como a violência simbólica esteve presente na vida dessas mulheres para que aplicassem produtos químicos para alisar seus cabelos.

2 FEMINISMO E CABELO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DESSA RELAÇÃO

Neste capítulo falaremos sobre os principais conceitos do presente trabalho. Será abordado o feminismo e a necessidade de tratarmos especificamente sobre o feminismo negro. Abordaremos a dificuldade de aceitação que mulheres negras enfrentam com seus cabelos crespos perante a sociedade e, relacionada a esta sociedade, falaremos também sobre o conceito de violência simbólica e o quanto ela afeta essas mulheres que não fazem parte do padrão de beleza pré estabelecido.

2.1 O FEMINISMO E O FEMINISMO NEGRO

O feminismo surgiu no Brasil no século XIX, no qual foi chamado de “primeira onda”. A necessidade do surgimento do feminismo dá-se pois naquela época as mulheres não tinham voz e nem direitos que os homens tinham, como o direito ao voto e direito à vida pública. Conforme explicado por Ribeiro (2018), a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino foi fundada em 1922, e possuía como objetivo a luta pelo sufrágio feminino e pelo direito ao trabalho sem necessidade de autorização do marido.

A chamada “segunda onda” ocorreu nos anos 1970, quando a democracia enfrentava uma crise. Essa segunda geração lutou pelo direito ao prazer, contra a violência sexual, pela valorização do trabalho da mulher e, ainda, combateu a ditadura militar. (RIBEIRO, 2018).

Porém, mesmo com as reivindicações citadas acima sendo alcançadas em sua grande parte, não eram todas as mulheres que puderam ter acesso à elas. Se pararmos para analisar as mulheres que foram pioneiras para o feminismo acontecer, para esses direitos serem observados no contexto brasileiro, perceberemos que não havia mulheres negras participando dos movimentos, não

por falta de vontade, mas por não terem opção. No *blog Afreaka*⁷, Djamila Ribeiro foi entrevistada pelo escritor Kauê Vieira e falaram sobre o feminismo negro no Brasil, Djamila cita que para a escritora Cynthia Sarti, a independência feminina possuiu classe e cor, pois de acordo com ela, enquanto as mulheres brancas de classes mais altas puderam circular em espaços públicos, as mulheres negras continuavam realizando afazeres domésticos em residências, ao mesmo tempo que mulheres brancas lutavam em busca do direito ao voto e estudos, as mulheres negras lutavam para existir.

Davis (2016) problematiza que, ainda na década de 1970, as mulheres brancas optaram por não encarar a realidade existente do racismo e da diferença racial e começaram a acusar as mulheres não brancas de serem traidoras do movimento simplesmente por terem inserido a questão de raça. As mulheres brancas consideravam que o foco de gênero estava sendo desviado. De forma alguma as mulheres negras almejavam diminuir a visão de sororidade⁸, elas queriam uma luta genuína, que incluísse todas as mulheres, porém as mulheres negras sabiam que, se as brancas não fossem capazes de abrir mão da sua supremacia branca, se não lutassem juntas para que o movimento feminista fosse antirracista, não haveria a verdadeira sororidade.

Ribeiro (2018) explica que militantes negras estadunidenses, como Beverly Fisher, denunciavam desde a década de 1970, a invisibilidade que mulheres negras sofriam dentro da pauta de reivindicação do movimento feminista. No Brasil não foi diferente, no fim dessa mesma década e início da seguinte, o feminismo negro começou a ganhar força e visibilidade com a luta para que mulheres negras fossem indivíduos políticos.

Na década de 1990 ocorre o surgimento da terceira onda, desenvolvida por Judith Butler, que traz à discussão a micropolítica:

As críticas de algumas dessas feministas vêm no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com recorte de

⁷ Entrevista disponível em:

<http://www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro/> acessada em 11/04/2020.

⁸ Significado de sororidade: Relação de irmandade, união, afeto ou amizade entre mulheres, assemelhando-se àquela estabelecida entre irmãs. [Por Extensão] União de mulheres que compartilham os mesmos ideais e propósitos, normalmente de teor feminista, sendo caracterizada pelo apoio mútuo evidenciado entre essas mulheres. Fonte: <https://www.dicio.com.br/sororidade/>

classe e raça, levando em conta as especificidades de cada uma. (RIBEIRO, 2018, p. 45)

Essas críticas e a necessidade de discutir as diferentes formas que as mulheres são oprimidas são levantadas, pois no início do feminismo foram propostas questões e houve luta por direitos como poder trabalhar fora sem a autorização do marido. Essa questão é um exemplo de que tudo foi fundamentado com base na mulher branca e de classe média, pois uma mulher negra e pobre não precisava de autorização do marido para trabalhar, ela precisava trabalhar para sobreviver.

hooks (2018)⁹ discute a necessidade de separação de lutas dentro do feminismo, e uma delas é a luta de classes, que trata, também, sobre os direitos de trabalho para mulheres. Na luta de classes feminista, é perceptível como os grupos de mulheres brancas privilegiadas, que possuíam um nível elevado de educação, não viam além de si mesmas, não olhavam o feminismo como um todo e sim somente para as mulheres que eram como elas. hooks (2018) aponta ainda que, conforme o movimento progredia e estes grupos de mulheres brancas começaram a ter acesso ao poder de classe igual ao dos homens, a luta de classe feminista já não era mais considerada tão importante.

Quando mulheres que têm poder de classe utilizam, oportunamente, uma plataforma feminista e ao mesmo tempo enfraquecem as políticas feministas, ajudando a manter intacto o sistema patriarcal que irá ressubordiná-las, elas não apenas traem o feminismo, elas traem a si mesmas. (hooks, 2018, p. 56)

Por esses motivos há a necessidade de não generalizar a classe “mulheres”, pois dentro dessa classe há várias outras classes específicas, cada uma delas lutando por causas em conjunto, como por exemplo o machismo e o patriarcado, mas também por causas diferentes, como as classes e raças. Como acrescentado por Ribeiro (2018), se não for combatida a universalização da categoria “mulheres”, o feminismo seguirá deixando muitas dessas mulheres de forma e assim

⁹ Gloria Jean Watkins, escritora, ativista e filósofa, se inspirou em sua bisavó materna Bell Blair Hooks e adotou como seu pseudônimo o nome “bell hooks” para assinar suas obras. O nome é escrito em letras minúsculas e a justificativa se encontra na frase da própria escritora: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu” (2009, *apud* MARTINS, 2017, p. 4). Ainda de acordo com Martins, para hooks nomes e títulos não possuem tanto valor quanto suas ideias. Portanto em respeito à opção da autora, será mantida a grafia com que ela se identifica.

alimentando as estruturas de poder. Ribeiro (2018) questiona justamente sobre o dever de falarmos sobre feminismo negro, separando sim do feminismo, argumentando que, em obras que tratam sobre o feminismo no Brasil, é comum não ser encontradas menções sobre o feminismo negro, perguntando-se, então, para quem é e para quem serve esse feminismo? Isto porque é necessário que imediatamente seja entendido por todos, inclusive mulheres, que existem muitas outras mulheres lutando por suas causas. No momento em que se percebe que feministas não estejam de acordo com a necessidade de separar e trazer informações sobre o feminismo negro, há uma grande arrogância oculta, falta de empatia e de entendimento do que é realmente ser feminista, sendo assim praticado o “feminismo seletivo”.

A ideia e o propósito central do feminismo é de que seja um movimento que atue e lute por igualdade das mulheres para com a realidade dos homens na sociedade sexista e patriarcal em que vivemos. Dentro do feminismo a sororidade é essencial, porém torna-se impossível praticá-la quando mulheres brancas negam a importância de se discutir sobre raça antes de outras discussões, a luta antirracista não deve ser uma luta à parte do feminismo, ela deve ser conjunta. hooks (2018) conta que por anos presenciou mulheres feministas brancas relutando em reconhecer a importância de raça, que essas mulheres recusaram a abrir mão da sua supremacia branca e que recusaram reconhecer que a única base para tornar real a sororidade era fazendo parte da luta antirracista. Quando mulheres brancas negam o reconhecimento de seus privilégios dentro da luta feminista, elas simplesmente estão tapando os seus olhos para a luta. Negar o reconhecimento não significa que elas não saibam. É extremamente necessário que mulheres brancas estejam atentas e deem a devida atenção às lutas de raça e racismo inseridas no feminismo. Davis (2016) declara que nenhuma outra intervenção mudou mais a cara do feminismo norte-americano do que a exigência de que mulheres brancas reconhecessem a realidade dessas lutas. Diz ainda que essas mulheres tem sim o conhecimento de que seu *status* é diferente do de mulheres negras, e que esses privilégios são percebidos desde que eram crianças, quando viam em revistas e na televisão, mulheres como elas, apenas as brancas eram representadas. Ela acrescenta que:

Todas as mulheres brancas desta nação sabem que a branquitude é uma categoria privilegiada. O fato de que mulheres brancas escolhem refrear ou negar esse conhecimento não significa que sejam ignorantes. Significa que estão em negação. (DAVIS, 2016, p. 69)

Ainda que aos poucos estejamos conseguindo desconstruir e mudar muitas coisas, ainda vivemos em uma sociedade muito sexista, que acredita que o homem merece mais reconhecimento do que a mulher, que o homem pode e tem direitos sobre coisas que mulheres não têm. Por muito tempo, mulheres acreditaram rigorosamente neste discurso e brigavam entre si. hooks (2018) diz que o pensamento sexista fez isso com as mulheres, as faz julgarem sem compaixão e punir duramente umas às outras, e o pensamento feminista auxiliou a desaprender o auto-ódio feminino, ele permitiu a possibilidade de se libertar do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência. O movimento do feminismo é uma batalha constante e que gradualmente vem crescendo. Aos poucos está sendo possível alcançar mais e mais mulheres que enxergam essa luta como justa e necessária.

Davis (2016) relata que, quando a negação de raça foi superada, ajudou as mulheres a encararem a realidade da diferença em todos os seus níveis, que finalmente foi construído um movimento que não visava somente o interesse de classe das mulheres privilegiadas, em sua maioria, brancas, e que, acima desses interesses, estava o interesse de todas as outras mulheres. A sororidade até que enfim estava sendo realmente efetiva, o movimento comprovou sua força quando integrantes do movimento feminista encaravam críticas e obstáculos, porém ao mesmo tempo se mantinham totalmente comprometidas com a visão de justiça. Foi conseguido que o desejo de mudança, de luta e libertação fosse mais forte do que a necessidade de se segurar em crenças erradas. Davis testemunhou toda essa revolução que aconteceu na consciência de mulheres brancas quando conseguiram se livrar da negação e do pensamento de supremacia branca.

2.2 O CABELO CRESPO PERANTE A SOCIEDADE

O padrão de beleza que a mídia e a sociedade impuseram para a mulher é o da mulher branca, magra e do cabelo liso. Mulheres que não possuem estas

características normalmente não são vistas como referências. Por conta disso, ainda é comum mulheres negras que possuem cabelo crespo realizarem procedimentos químicos para conseguirem se aproximar do cabelo padrão e aceito pela sociedade: o liso.

A vontade pelo cabelo liso normalmente se inicia quando a mulher negra ainda é apenas uma criança, pois a criança negra dificilmente se vê nos desenhos animados, nos filmes, nas reportagens e programas de TV, nas colegas de escola, enfim, em tudo que está a sua volta.

Minha mãe alisava meus cabelos e os da minha irmã em casa. Era um ritual de tortura, no qual ela acendia uma boca do fogão, deixava o pente de ferro ali até ficar pelando e o passava nos fios. Aquilo era comum, mas inúmeras vezes o cabelo queimava: você sentia o cheiro e via os fios se desfazendo. Podia-se até queimar o couro cabeludo nos piores casos. (RIBEIRO, 2018, p. 14)

Casos como esse nos mostram a presença da violência simbólica inserida desde a infância de uma mulher negra, lembranças que não serão esquecidas, lembranças estas baseadas em traumas. E todo esse trauma para uma criança simplesmente sentir-se aceita, suportando qualquer dor nos cabelos e queimaduras no couro cabeludo, apenas para não sofrer com olhares e xingamentos racistas, muitas vezes disfarçados de “brincadeiras”. Essas “brincadeiras” ocorrem e muito na infância da menina negra na escola, ouvindo piadas de colegas sobre o seu “cabelo duro” e, quando estes atos de racismo são revelados, muitas vezes ouve-se a justificativa de que deve ser relevado, afinal, foi só uma “brincadeira”.

Por que se tem compreensão com quem está oprimindo e não com quem está sendo oprimido? A menina negra é que precisa entender que isso é “brincadeira” ou quem faz a “brincadeira” que deve perceber que aquilo é racismo? Até quando utilizarão o humor como desculpa para comentários racistas? Quem olhará pela menina negra que odiará seu cabelo por causa das piadas? Quem lucrará a gente já sabe. (RIBEIRO, 2018, p. 31)

Como dito por Ribeiro (2018, p. 14) “A vontade de ser aceita nesse mundo de padrões eurocêntricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém quer.”

Claro que há casos em que, desde a infância, os pais ou outras responsáveis incentivam e estimulam as crianças a manter seu cabelo crespo natural, que sintam orgulho por ele e por toda a história que ele carrega. Relacionado a este tipo de

incentivo e representatividade, em fevereiro de 2020 o curta metragem de animação chamado “*Hair Love*”, com duração de um pouco mais de seis minutos, foi o vencedor do Oscar na categoria de melhor curta de animação. O curta conta a história de um pai que precisa superar seus medos de cremes e elásticos para ajudar a filha a fazer um penteado no cabelo crespo para uma ocasião especial. No momento de receber o prêmio, o criador e diretor da animação Matthew A. Cherry declarou “Queria dizer que “*Hair Love*” foi feito porque queríamos ver mais representação em animações, queríamos normalizar o cabelo negro”, a produtora Karen R. Toliver disse que “Foi porque nós temos uma grande crença que representação importa profundamente, especialmente em animações, porque são nelas que primeiramente vemos nossos filmes e assim é que moldamos nossa vida e como vemos o mundo”.

As mulheres negras atualmente vêm alcançando um maior crescimento de aceitação e representatividade na sociedade, se empoderando mais e criando coragem para assumirem seus cabelos crespos, mesmo que ainda enfrentem olhares julgadores. Muitas vezes estas mulheres são chamadas de fortes apenas por estarem tentando agir naturalmente, sem que sejam olhadas por simplesmente possuir um cabelo *black power*. Ribeiro (2018, p. 20) acrescenta que “somos fortes porque o Estado é omissivo, porque precisamos enfrentar uma realidade violenta.”

Em *blogs*, páginas de redes sociais e vídeos no Youtube, diversas mulheres negras contam suas experiências em vagas de emprego que foram reprovadas e que, na maioria das vezes, não entendiam o porquê dessa reprovação e somente depois percebiam que era por seu cabelo crespo não estar no padrão esperado. Há vários relatos publicados na matéria de Caroline Souza para o Diário do Litoral (2018), em que mulheres negras falam sobre suas experiências de preconceito no mercado de trabalho. Ornella Rodrigues, educadora social e ativista, disse “a gente percebe, no processo de seleção, um privilégio da pessoa branca, em detrimento da negra”. Juliana Florentino, fotógrafa e assistente social, relata “no fundo eu sabia que a vaga foi negada a mim, diversas vezes, porque eu não condizia com o estereótipo europeu”, ela conta inclusive que durante o seu trabalho nas duas profissões que possui já enfrentou preconceito recebendo perguntas como “gostaria de falar com a fotógrafa” ou “você pode chamar a assistente social?”, ela ainda

complementa sobre o quão a sociedade branca não identifica que negros como pessoas que tenham estudo e profissões, entendem que estes podem ter apenas subempregos.

2.3.1 Instagram e a conversação em rede

Com o grande avanço e popularização da *internet*, são diversas as opções disponíveis para a sociedade conseguir interagir entre si, mesmo estando distante fisicamente. Uma dessas opções é a ferramenta Instagram, lançada em 06 de outubro de 2010 e desenvolvida pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. Um dia após o lançamento, a ferramenta alcançou 25 mil contas e em aproximadamente dois meses já possuía 1 milhão de usuários. Antes de criar o Instagram, Kevin já havia criado um protótipo de aplicativo, chamado Burbn, que permitia os usuários realizar *check-in*, publicar seus planos e compartilhar fotos. Mesmo que, na época, aplicativos de compartilhamento de localização já fossem populares, a opção de compartilhamento de fotos que o Burbn possuía era bastante exclusiva. Mike e Kevin se conheciam desde que estudaram juntos na Universidade de Stanford, quando os dois decidiram se juntar, reavaliaram a ideia do Burbn e decidiram focar no diferencial dele, a fotografia tirada em dispositivos móveis. Ao definir as finalidades do aplicativo em funções de foto, comentários e “curtir”, decidiram renomeá-lo como Instagram, que foi a união das palavras *instant* e *telegram*. O Instagram é uma rede social *online* em que é possível compartilhar fotos, vídeos e conversar com outras usuárias, seja através de comentários em fotos ou em mensagens privadas.

Piza (2012) explica o conceito de *software* aplicativo que, na informática, se trata de um tipo de *software* desenvolvido para efetuar tarefas práticas ao usuário, e que assim este consiga executar determinados trabalhos. Justamente essa característica diferencia-o de outros tipos de programas, como por exemplo, sistemas operativos, que fazem um computador funcionar, linguagens de programação, que possibilitam a criação de programas informáticos em geral, e os utilitários, que desempenham tarefas de uso geral e manutenção.

O Instagram representa uma das formas de Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). Recuero (2012) explica que CMC's são ferramentas que estão focadas nas interações entre pessoas e na capacidade do ciberespaço de proporcionar, além de interações, um ambiente de construção de laços sociais. Diz, ainda, que no processo de comunicação está inclusa a conversação entre dois ou mais indivíduos. Marcuschi (2006, p. 15, *apud* RECUERO, 2012, p. 3) explica que a comunicação entre esses dois ou mais indivíduos se define como uma interação verbal centrada que vai evoluindo enquanto os envolvidos estão com sua atenção visual voltada para uma tarefa em comum. Para Pridham (2001, p. 30, *apud* RECUERO, 2012, p. 3) a conversação é “qualquer troca interativa falada entre duas ou mais pessoas”. É notável que ambos explicam a conversação focando nela como uma ação falada, porém ela não está somente na linguagem verbal. Recuero (2012) defende que este não deve ser o único fator a ser levado em conta, deve-se verificar também o tom de voz, entonação e até mesmo momentos de silêncio e elementos não verbais, pois muitas vezes gestos são mais expressivos que palavras, ainda que diferentes, a conversação está ligada a CMC.

Na CMC há diversos espaços *online* voltados à interações e uma dessas formas é através da comunicação visual na rede social Instagram, portanto, nas próximas figuras estaremos visualizando perfis de mulheres negras que falam sobre empoderamento e aceitação, cada uma trata sobre os assuntos de sua própria forma.

Kenya Borges começou há pouco tempo a criar conteúdo na *internet*. Quando ela tinha em torno de um ano neste meio de criadora de conteúdo, participou de um *reality* chamado Corrida das Blogueiras, transmitido através do Youtube no canal Diva Depressão. Ela venceu o *reality* que dependia de votos do público e, desde então, vem crescendo muito como influenciadora digital e *youtuber*. Seu perfil no Instagram atualmente está com 174 mil seguidores¹⁰. Kenya mostra a realidade da sua vida e seus seguidores gostam de acompanhá-la e se identificam por se tratar de uma influenciadora que mostra a vida real, os problemas e que não possui uma vida perfeita, como normalmente é tentado passar por outras influenciadoras.

¹⁰ Fonte disponível em: <https://www.instagram.com/kenyaborgess/> acessado em 08/06/2020.

Antes de participar do *reality*, Kenya enfrentou a transição capilar, porém não por alisar o cabelo, e sim por ter realizado uma coloração no cabelo em um salão de beleza que não teve os devidos cuidados. Logo após a coloração, ela teve uma enorme queda capilar e decidiu cortar todo ele com química, ficou com ele curto e passou pela transição. Durante este período, ela mostrou no seu canal do Youtube e no Instagram diferentes opções para o cabelo em transição capilar, utilizando apliques, perucas e penteados diversos.

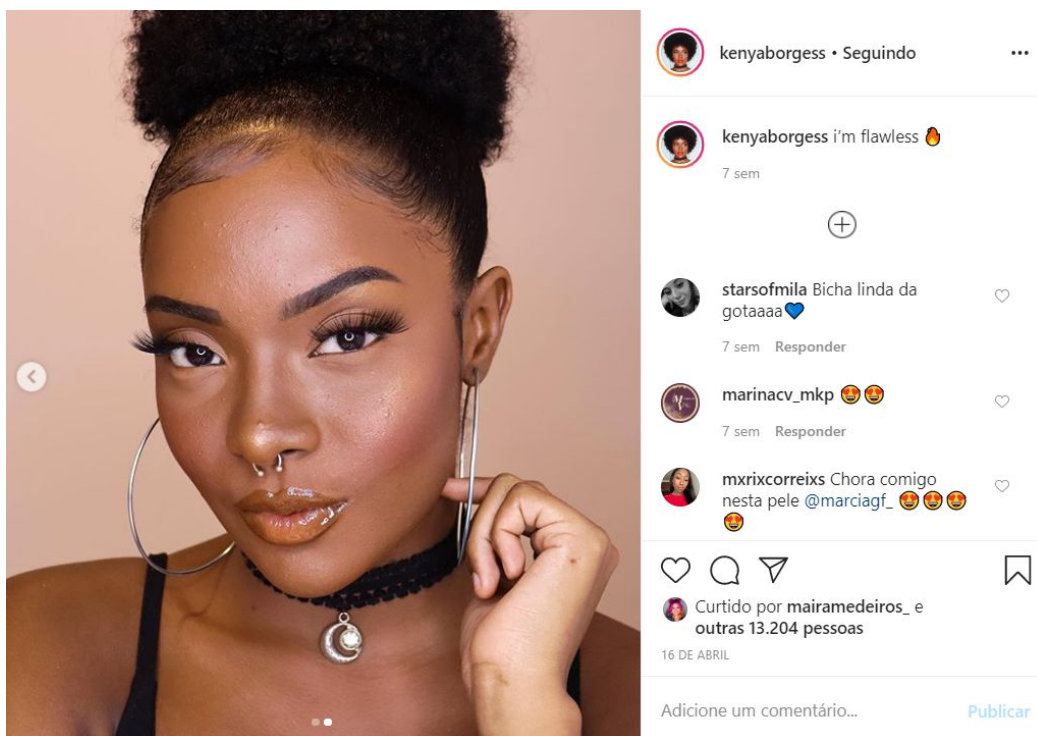
Kenya mostra também a realidade da sua pele, ela é uma mulher negra e que possui manchas no rosto e não se intimida em mostrá-las. Ela diz que devemos nos sentir bem por quem nós somos e que é normal ter uma pele com manchas e não estar todo o tempo produzida ao aparecer no Instagram.

Figura 6 - Publicação Instagram de Kenya sem maquiagem



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CAQ7vdGI6AU/> (2020)

Figura 7 - Publicação Instagram de Kenya com maquiagem

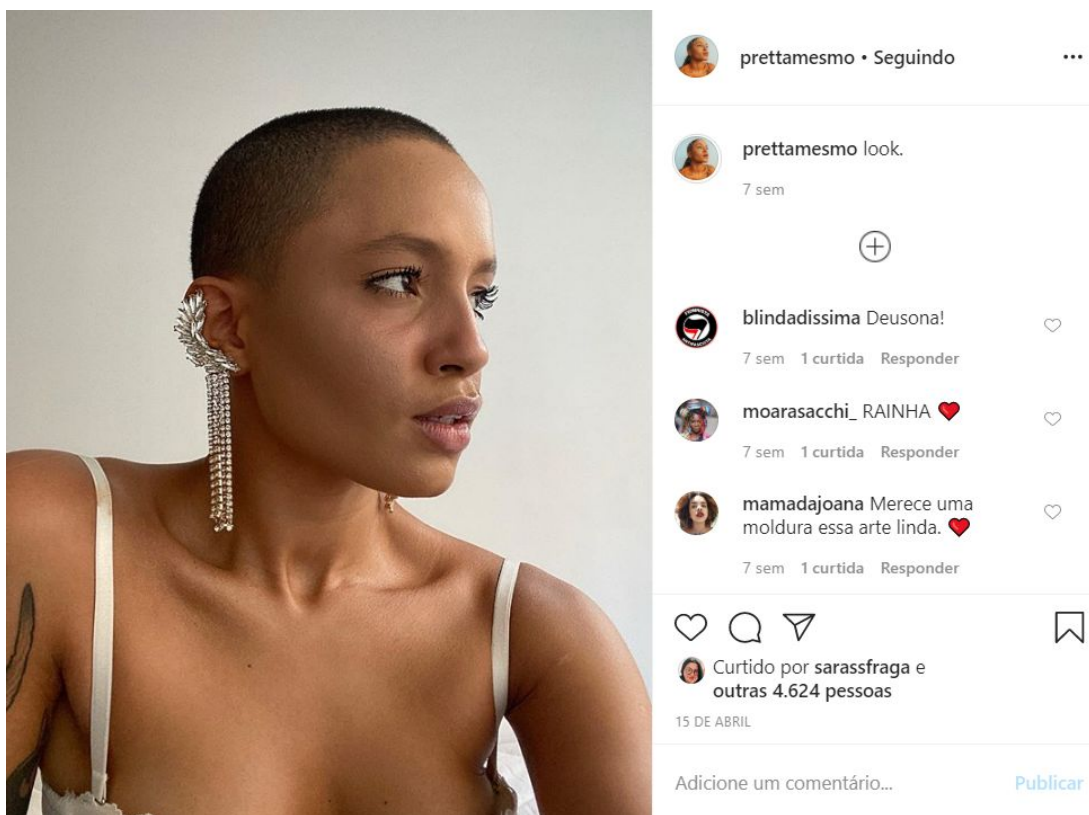


Fonte: https://www.instagram.com/p/B_C8MJVIUwz/ (2020)

Perfil que vem crescendo como referência para mulheres negras é o perfil da Cris Paladino, conhecida também como @prettamesmo¹¹. A Cris é uma modelo negra que foge totalmente dos padrões por ser uma mulher careca. Ela contou, em uma publicação no seu Instagram, que a mãe dela alisou o seu cabelo pela primeira vez quando ela tinha 9 anos, que “ninguém tinha muita paciência pra pentear aquele “cabelo duro”. Disse ainda que, por muito tempo, acreditou que as pessoas só poderiam enxergar beleza nela se possuísse cabelo longo e alisado. Ela diz que gostava do cabelo alisado, mas odiava as horas que precisava ficar no salão para “ficar bonita para os outros”. A versão favorita dela mesma é a de agora, não somente fisicamente, mas o quão ela mudou internamente, a mulher que ela se tornou, os princípios que criou e como se sente orgulhosa de entender sua negritude.

¹¹ Fonte disponível em: <https://www.instagram.com/prettamesmo/>

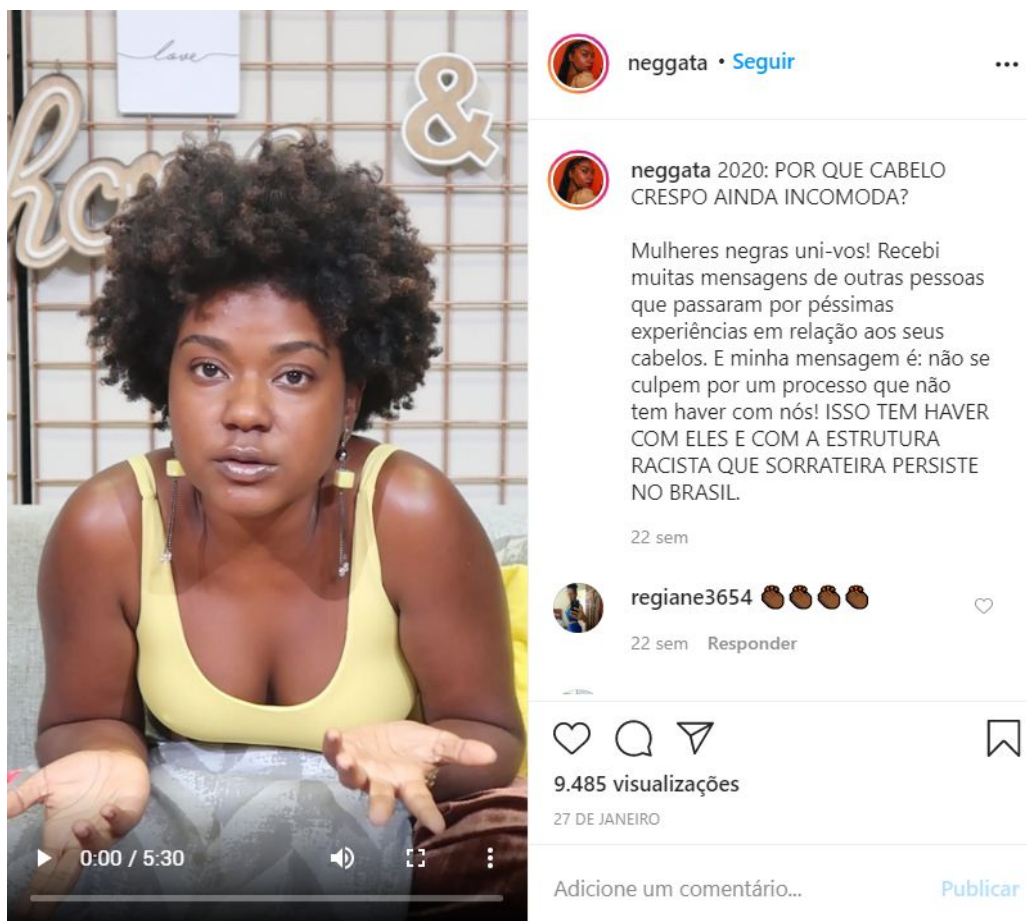
Figura 8 - Publicação perfil no Instagram de Cris Paladino



Fonte: https://www.instagram.com/p/B_A0-b3FsTz/ (2020)

Outro perfil que vem ganhando alcance no Instagram é o perfil conhecido na *internet* como @neggata. Ela não costuma divulgar o seu nome verdadeiro mas é Lorena Monique. Além de ativa no Instagram, Monique, como refere-se a si mesma, é *youtuber* e, em seus vídeos, aborda temas sobre a cultura negra e empoderamento feminino.

Figura 9 - Publicação perfil no Instagram de Monique sobre cabelo crespo



The image shows a screenshot of an Instagram post. On the left is a video player showing a woman with voluminous curly hair wearing a yellow top. The video has a progress bar at the bottom showing 0:00 / 5:30. On the right is the post's interface. The user 'neggata' is followed. The caption asks 'POR QUE CABELO CRESPO AINDA INCOMODA?' and discusses the experience of Black women with curly hair, mentioning racism and the persistence of a racist structure in Brazil. A comment from 'regiane3654' with three brown heart emojis is visible. The post has 9,485 views and is dated January 27th. At the bottom, there is a text input field for comments and a 'Publicar' button.

neggata • Seguir

neggata 2020: POR QUE CABELO CRESPO AINDA INCOMODA?

Mulheres negras uni-vos! Recebi muitas mensagens de outras pessoas que passaram por péssimas experiências em relação aos seus cabelos. E minha mensagem é: não se culpem por um processo que não tem haver com nós! ISSO TEM HAVER COM ELES E COM A ESTRUTURA RACISTA QUE SORRATEIRA PERSISTE NO BRASIL.

22 sem

regiane3654 🍌🍌🍌

22 sem Responder

9.485 visualizações

27 DE JANEIRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Fonte: <https://www.instagram.com/p/B708p4GpcJH/> (2020)

Figura 10 - Publicação perfil no Instagram de Monique sobre inspiração



Fonte: https://www.instagram.com/p/B7H33fGp0_t/ (2020)

Em entrevista ao *blog* All Things Hair (N.I.)¹², Monique conta que, na época escolar, ela via meninas com o cabelo liso e desejava aquilo, rejeitava o seu cabelo afro de todas as formas. Ela relata que após alguns fatores e ao entrar na faculdade, se perguntou por que não gostava do próprio cabelo, e então decidiu assumir o natural, passando assim pela transição capilar. Ainda na entrevista, conta o quão a transição foi importante para ela se descobrir e reconhecer como mulher negra, diz ser uma vitória não somente dela, mas para outras meninas que estejam enfrentando esse processo de autoconhecimento. E é exatamente isso que as mulheres descobrem ao realizar a transição capilar, elas praticam o autoconhecimento de uma forma que não se aceitavam antes devido a pressão e opinião externa.

¹² A entrevista publicada no *blog* não possui ano de identificação, utilizada a sigla N.I. como "Não Identificado".

3 VIOLÊNCIA

A palavra violência, conforme o dicionário *online*¹³, possui como significado: 1. Qualidade ou caráter de violento, do que age com força, ímpeto. 2. Ação violenta, agressiva, que faz uso da força bruta: cometer violências. 3 Constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, que obriga essa pessoa a fazer o que lhe é imposto: violência física, violência psicológica. E etc. Ou seja, a violência se trata de um ato em que é utilizado a agressividade para ameaçar, humilhar e/ou agredir a si mesma, ou outra alguém, direta e/ou indiretamente. Há diferentes atitudes de violência, sendo elas a física, psicológica, emocional, sexual e, também, a simbólica. Podemos dizer que o conceito de violência é um tanto quanto indefinido, pois ele implica vários elementos, variadas formas e diversas maneiras de solução.

As formas de violência são tão numerosas que é difícil elencá-las de modo satisfatório (PAVIANI, 2016). Ainda de acordo com Paviani (2016), profissionais de diferentes áreas, principalmente da mídia, manifestam-se sobre a violência e sobre diferentes possibilidades de solucioná-la, no entanto a violência segue surgindo de novas formas na sociedade e ninguém consegue impedi-la totalmente.

A Organização Mundial de Saúde - OMS, através do Relatório mundial sobre violência e saúde, define violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (KRUG et al., 2002, p. 27)

Conforme Minayo (2007), por se tratar de um fenômeno complexo, de muitas causas, que atinge todas as pessoas e as afeta emocionalmente, a violência foge a qualquer conceituação precisa e cabal. Complementa ainda que nenhuma sociedade é totalmente imune à violência, pois ela utiliza da força, poder e privilégios para provocar danos a outros indivíduos e grupos.

Sobre as diferentes atitudes de demonstração da violência, temos a violência física. De acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), a violência física se trata da ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física

¹³ Fonte disponível em: <https://www.dicio.com.br/violencia/> acessado em 20 de novembro de 2019.

de uma pessoa. Como o próprio nome deixa explícito, trata-se da violência em que é utilizada a força física para atingir a outra, como por exemplo o abuso infantil, ou atingindo a si mesma, como em casos de suicídios e de violência contra a mulher.

A violência física contra a mulher normalmente ocorre quando ambos os indivíduos não alcançam a resolução de seus problemas apenas com o diálogo. Ainda de acordo com CNJ, é qualquer conduta, ou seja, ação ou omissão, de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial, podendo ocorrer tanto em espaços públicos como privados.

Já a violência psicológica não utiliza de força física contra o corpo da vítima e sim agride o seu psicológico, o seu emocional. Martinelli (2014) diz que a violência psicológica é, na maioria dos casos, negligenciada até por quem sofre - por não conseguir perceber que ela vem mascarada pelo ciúmes, controle, humilhações, ironias e ofensas.

A violência psicológica consta inclusive na lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, capítulo II, artigo 7º, inciso II:

A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018).

São inúmeros os depoimentos de mulheres que enfrentaram relacionamentos abusivos e no início muitas vezes não percebiam, como, por exemplo, o caso da Eva, de 21 anos, que denunciou e expôs o padrasto através do Instagram, em fevereiro de 2019. O caso obteve um alto alcance através da rede social e ficou nacionalmente conhecido, Eva foi inclusive ao programa Encontro da apresentadora Fátima Bernardes, transmitido na emissora Globo. Para expôr o caso, a jovem fez três *posts* em seu perfil pessoal no Instagram e nas legendas colocou textos contando os absurdos que seu padrasto fazia com ela e com sua mãe. Além de ambas enfrentarem violências físicas, verbais e sexuais, passaram também pela

violência psicológica. Eva relata que ele afetava o psicológico de sua mãe frequentemente - “Minha mãe era agredida psicologicamente constantemente também, não tinha mais voz ativa dentro de casa. Ele arrancou a alma dela também”.

O abusador psicológico consegue fazer com que a mulher se torne responsável pelas frustrações de expectativas que ele criou. Ele faz com que ela se culpe pelas roupas que usa, pelos lugares que vai, tornando ela uma propriedade somente dele e fazendo com que o psicológico dela acredite que ele está certo.

3.1 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Antes de explicar de fato do que se trata o conceito de violência simbólica, Bourdieu (2012) explica que muitas vezes o termo “simbólico” é visto como um adjetivo, mas que o utiliza em um sentido que considera rigoroso, ao usar simbólico em um dos sentidos mais correntes, pode-se supor que enfatizando a violência simbólica se estará minimizando o papel da violência física e acabar por fazer esquecer que há mulheres violentadas, espancadas, exploradas, ou pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência, ele deixa explícito que obviamente este não é o caso.

Bourdieu (2012) explica que a violência simbólica, quase sempre invisível, se constrói quando o dominante impõe o seu padrão como o legítimo e o dominado não se propõe para pensar sua relação com ele, ele simplesmente tenta se adequar ao que a classe dominante impôs. Essa consequência de seguir se esforçando para tentar aderir à classe dominante faz com que os indivíduos as sigam conforme é estipulado e acabe por se moldar de acordo com o que lhes é sugerido, se tornando assim um movimento natural.

A partir dessa afirmação, o filósofo diz que a violência é apenas reproduzida e nunca discutida ou pensada porque, uma vez que isso acontecesse, abriria margem para discussões, o que não seria interessante para a classe dominante, classe esta praticante da violência.

Bourdieu (2012) diz que a violência simbólica pode fazer com que mulheres auto desprezem seu próprio corpo, quando o mesmo não está de acordo com os

padrões estéticos impostos pela moda. Mesmo sendo muito comum esse tipo de violência em diversos aspectos do cotidiano e da estrutura da sociedade, muitas pessoas desconhecem ou não lhe dão sua devida relevância. Santos e Cunha (2014) declaram que a violência simbólica acontece por meio de linguagem, através das imposições discursivas que acabam criando “verdades” e sendo instrumento de dominação e formação de uma cultura de massa, alienando e desorientando os dominados.

Há anos mulheres sofrem, além de todas as outras violências, a violência simbólica por meio do machismo e do patriarcado instaurado em nossa sociedade. Bourdieu (2012) diz que essa sociedade insiste em declarar que as mulheres escolhem serem submissas ou que gostam dessa dominação que lhes é imposta, mas muito pelo contrário, é necessário assinalar que as tendências à submissão, muitas vezes utilizada como pretexto para culpar a vítima, são resultantes das estruturas objetivas, e que essas mesmas estruturas devem o seu êxito e sucesso aos métodos que auxiliam na sua reprodução. Bourdieu complementa ainda que o poder simbólico não é exercido sem a colaboração dos subordinados e que esses só continuam sendo subordinados pois o constroem como poder.

Como raramente vemos ou ouvimos falar desse tipo de violência, ocorre que, em algum momento, podemos praticá-la sem perceber, ou até mesmo o ato de saber que ela é praticada em nossa volta com o nosso consentimento acaba também configurando violência simbólica. Tem-se a mídia com um imenso papel de participação e disseminação.

A mídia fornece novos tipos de conteúdo e informação às crianças, que por um lado, poderá contribuir para sua socialização e formação de personalidade e, por outro lado, na medida em que utiliza-se da publicidade através de um discurso envolvente e sedutor e impõe produtos e modelos sociais a esses indivíduos, se torna uma forma de violência simbólica (PAIVA, M. S. & SOUZA, K. C. A, 2014, p. 245).

Considerando que nosso objeto de estudo são perfis no Instagram, o próximo item aborda a violência simbólica no contexto digital.

3.2 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS REDES SOCIAIS

Diariamente vemos um aumento estrondoso na utilização da *internet* e suas redes sociais, sendo que o público que as utiliza vem aparentando ser cada vez mais jovem. Ou seja, os jovens, e até crianças, progressivamente vêm possuindo acesso à *internet* e suas mídias.

Com este crescimento das redes sociais, aumentou-se também o discurso de ódio de usuárias com outras. Pequenos atritos e diferenças de opiniões acabam não sendo mais resolvidos através do diálogo, e sim com atitudes de violência *online*. Por estar praticando uma discussão através de telas, há usuários que se sentem no direito de xingar, ofender e difamar outras pessoas.

A mídia digital pelas redes sociais possibilita um discurso de incitação à violência, chamado discurso de ódio, gerador de uma ideologia de destruição a grupos e formadora de estereótipos e estigmas, sendo ao mesmo tempo formadora, propagadora e objeto final da violência (SANTOS e CUNHA, 2014, p. 14).

Através do crescimento destes discursos de ódio, é notável que, apesar de ser um termo antigo, a violência simbólica vem sendo representada também na *internet*. Conforme apontou Recuero (2013), o ambiente *online* vem permitindo, por meio de conversação entre os indivíduos, a reprodução de estereótipos e permitindo, também, que a legitimação da violência simbólica se aplique fácil e rapidamente.

No momento em que indivíduos, marcas e empresas reproduzem os estereótipos, reforçando a ideia de que aquele é o padrão e que aquele é o correto a ser seguido, se cria uma forma de reprodução da violência simbólica para com quem não faz parte desse padrão.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 MÉTODO ESCOLHIDO

Na primeira etapa do presente trabalho foi apresentado o referencial teórico, no qual foi explicado o tema e os elementos deste, com base na teoria de autores

que dominam o assunto. Nesta seção, trataremos sobre a metodologia escolhida e utilizada, buscando responder os objetivos específicos e o problema de pesquisa. O método escolhido para respondermos o objetivo geral de “analisar publicações de perfis no Instagram que podem auxiliar no processo de transição capilar de mulheres” é o de análise de produção de sentidos (HENN, GONZATTI E ESMITIZ, 2017). O método, de teor cartográfico, consiste em analisar a diversidade de sentidos que emerge em publicações em sites de redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram, e é inspirado nos movimentos metodológicos de Walter Benjamin (2006) na obra *Passagens*. Foi desenvolvido no LIC - Laboratório de Investigação do Cibercontecimento, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e vem sendo utilizado em diversos trabalhos acadêmicos, não só no contexto da universidade, mas em nível nacional e internacional.

Henn, Gonzatti e Esmitez (2017) fazem uso do método para analisar uma publicação na fanpage Supergirl Brasil, no Facebook, sobre um cartaz que circulou em um protesto na Women's March, manifestação que ocorreu em 2017, nos Estados Unidos, pelos direitos das mulheres, questões raciais, LGBTs e questões ambientais. Através de análise de comentários de publicação sobre o cartaz, os autores conseguiram identificar potencialidades nos sites de redes sociais para articular a discussão de questões de gênero e sexualidade com a cultura pop e como tudo isso pode sinalizar novos caminhos sobre representações midiáticas de heroínas para problematizar o feminismo na contemporaneidade. Também utilizando o método de análise de construção de sentidos, Aquino Bittencourt e Gonzatti (2018) analisam uma rede de opinião constituída pelo Mídia Ninja a partir de uma série de colunas publicadas no site do coletivo e compartilhadas no Facebook. Os comentários sobre essas colunas, feitos no Facebook e analisados a partir do método, mostram como o coletivo estimula a produção de sentido através das redes.

Primeiro, ocorre a coleta dos signos utilizados em um cenário de produção de sentido, identificando quais os contextos e as controvérsias que estão sendo relatadas nas conversações. É comum manter um arquivo com anotações e observações a respeito desse movimento. Depois, cada elemento salvo no mapeamento é analisado e recebe uma atribuição de sentido. Conforme avançamos no corpus, diferentes signos passam a ser marcados com os mesmos sentidos, o que caracteriza o agrupamento de uma constelação de sentido. Por fim, cada constelação de sentido é desdobrada textualmente, sendo problematizada segundo a perspectiva

teórica e o problema colocados pela pesquisa (AQUINO BITTENCOURT E GONZATTI, 2018, p. 6).

De acordo com os autores, os procedimentos do método se dividem em três momentos: identificação, mapeamento e categorização. Após a categorização dos comentários, são realizadas inferências sobre os sentidos identificados nos comentários. Inicialmente neste estudo, foi realizada uma pesquisa, utilizando como critério mulheres influenciadoras, que tivessem realizado a transição capilar e que tenham enfrentado este processo *online*, ou seja, compartilhando todas as fases com suas seguidoras, mostrando a realidade da transição. Outro critério era que houvesse publicações em seu feed do Instagram falando sobre a transição capilar, para que fosse possível analisar os comentários das seguidoras.

4.2.1 Escolha dos perfis analisados

O primeiro perfil escolhido foi da Amanda Mendes, mulher, negra, sua conta no Instagram possui o user @todecrespa com 367 mil seguidores¹⁴. O perfil da Amanda foi escolhido por enquadrar-se nos critérios citados acima e pelo grande número de comentários de pessoas em diversos posts, afirmando que ela é uma inspiração para que realizem a sua transição capilar. Quando ela passou por este processo, compartilhou tudo com seus seguidores através do seu perfil no Instagram e também através do seu canal no Youtube, os influenciando e servindo como uma grande inspiração. Mesmo já tendo terminado sua transição e estando com seu cabelo cem por cento natural, ela continua compartilhando regularmente conteúdos sobre transição, como dicas de produtos, penteados, fala sobre o processo em seus stories, sobre aceitação e sobre empoderamento. Sobre o termo, Ribeiro esclarece que:

“O termo “empoderamento” muitas vezes é mal interpretado. Por vezes é entendido como algo individual ou a tomada de poder para se perpetuar opressões. Para o feminismo negro, possui um significado coletivo. Trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança” (RIBEIRO, 2018, p. 135).

¹⁴ Fonte disponível em: <https://www.instagram.com/todecrespa/> acessado em 12 de abril de 2020.

Amanda fala sobre empoderamento da mesma forma que Ribeiro cita acima, sobre como, no momento em que você se aceita e se ama em primeiro lugar, isso automaticamente influencia outras mulheres ao seu redor e, no caso dela, empoderou muitas mulheres por sua grande quantidade de seguidoras, é um ato totalmente coletivo e não individual. O aceitar-se para ela não é simplesmente deixar o cabelo crespo natural, é você se amar e amar o seu cabelo como ele é, ela sempre enfatiza o fato de que tudo bem alisar o cabelo de volta desde que você se ame mais desta forma.

O segundo perfil escolhido foi da Ana Lúcia Lopes, também influenciadora e youtuber. Sua conta no Instagram user @analidialopess possui 1,1 milhões de seguidores¹⁵. Ana Lúcia fala sobre beleza, moda, cabelo e o chamado “*lifestyle*” que refere-se basicamente a compartilhar sua rotina.

Ambas se consolidaram como influenciadoras através de seus conteúdos frequentes referente à transição capilar nas duas plataformas mencionadas acima, elas se conhecem e inclusive já produziram conteúdos juntas sobre cabelos e transição capilar. Na figura 6, a primeira é a Amanda e a segunda Ana Lúcia.

Figura 11 - Publicação perfil Instagram da Amanda com Ana Lúcia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BeBjXZjnVWB/?igshid=zzabrql26zh> (2020)

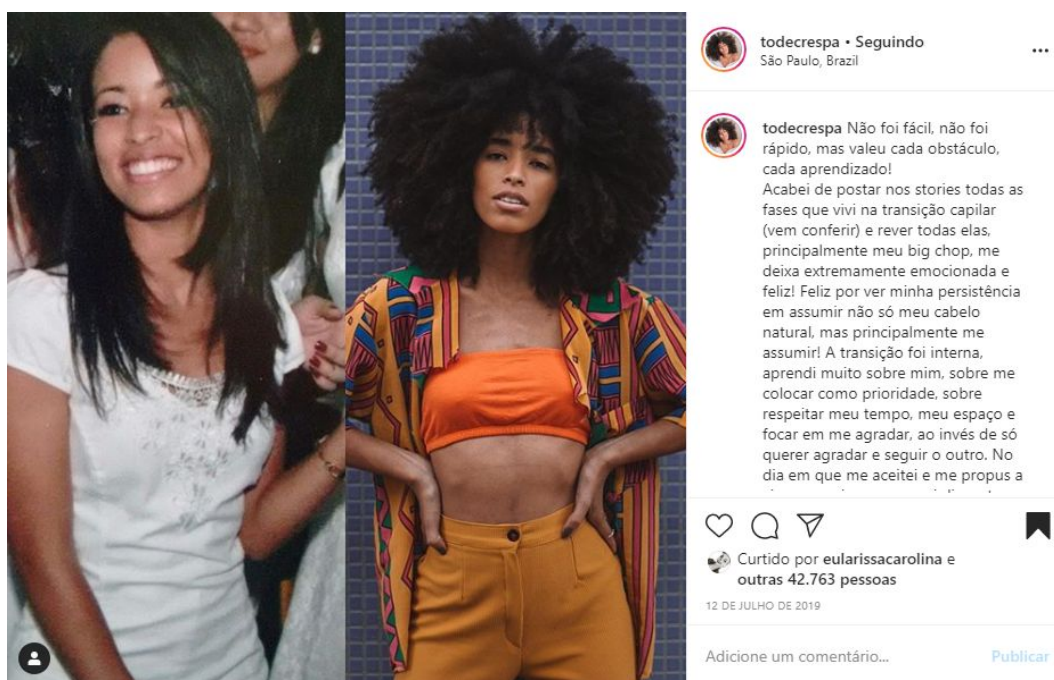
¹⁵ Fonte disponível em: <https://www.instagram.com/analidialopess/> acessado em 12 de abril de 2020.

4.2.2 Extração de comentários para análise

Para a realização do método análise de produção de sentidos (HENN, GONZATTI E ESMITIZ, 2017) primeiro foi realizado a coleta de publicações que seriam analisadas, foram escolhidos duas publicações do Instagram de cada uma das influenciadoras. Para efetuar a extração de comentários das publicações escolhidas, foi realizada uma pesquisa de plataformas que realizassem este processo, e a escolhida foi a Export Gram. Trata-se de uma plataforma *online*, que exporta comentários de qualquer publicação da rede social Instagram, a versão gratuita do programa realiza a extração de até 200 comentários e, como as publicações analisadas possuíam comentários acima do limite gratuito, foi necessário utilizar a versão paga. Optou-se por não utilizar as respostas dos comentários para a realização da análise visto que a intenção é verificar o impacto dos comentários feitos por seguidoras diretamente ao post e não de segundos e terceiros que tenham chegado ao perfil por outros meios, ou até mesmo as respostas das donas dos perfis que não são adequadas para serem analisadas.

Conseguimos visualizar a primeira publicação, analisada na figura 10, do perfil da Amanda.

Figura 12 - 1ª publicação analisada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bz0iCjRgfyc/?igshid=1swsce3tffis> (2020)

Após a exportação, foi realizado o mapeamento para dividirmos os comentários em segmentações. Nesta etapa definiu-se cinco categorias de constelações de sentido a serem utilizadas para todas as análises, sendo elas:

a) **Marcações:** refere-se a comentários em que a seguidora menciona outra usuária no *post* para que a mesma o visualize;

b) **Aleatórios:** nesta categoria foram caracterizados como aleatórios todos os comentários que não se encaixavam nas outras segmentações, comentários apenas com *emojis* e outros que não faziam sentido como palavras soltas etc.

c) **Elogios:** comentários de elogios direcionados à dona do perfil;

d) **Inspiração:** quando as seguidoras expõem o quão a influenciadora inspira ela de alguma forma e

e) **Representatividade na transição capilar:** trata-se dos comentários que deixam explícito o quanto aquela influenciadora faz a usuária se sentir representada no processo de transição capilar.

Na realização da coleta de comentários da publicação da figura 10, em 26 de abril de 2020, o post possuía 560 comentários, incluindo respostas. Realizando a exportação, tivemos 433 comentários válidos exportados, a diferença para os 560 trata-se das respostas aos comentários, que não foram contabilizadas.

Na tabela 1 conseguimos visualizar quantos comentários foram obtidos para cada segmentação.

Tabela 1 - Comentários publicação 1 - Amanda

Marcações	Aleatórios	Elogios	Inspiração	Representatividade na TC
70	62	195	68	38

Fonte: Elaborada pela autora (2020)

As segmentações “Inspiração” e “Representatividade na TC” são bem próximas em relação as suas definições, o que as difere e se fez necessário separá-las é o fato de que há comentários¹⁶ se referindo à influenciadora como

¹⁶ Os comentários foram extraídos e acrescentados neste trabalho sem quaisquer alterações em sua escrita, podendo conter erros ortográficos.

inspiração mas sem falar sobre a transição capilar, o que deixa o comentário vago, não podendo ser restringido ao escopo do trabalho, que se trata especificamente do cabelo, como por exemplo:

Comentário 1: *Você me inspira! (emoji).*¹⁷

Comentário 2: *INSPIRAÇÃO!*

Comentário 3: *Minha inspiração. (emoji)*

Os comentários em que se deixa evidente que estas mulheres estão passando pela transição capilar e se sentem representadas pela Amanda, por exemplo:

Comentário 4: *Eu me vejo em você, todas as fases que passei, os dias que eu pensava em desistir da transição capilar, mas vejo que tudo isso valeu a pena, me sinto realizadaaa. Obrigada por ser uma inspiração pra mim (emoji).*

Comentário 5: *O mundo ainda não está preparado para ver todo o nosso poder, mas vamos fazer eles engolirem mesmo assim! (Com muito carinho, é claro!) transição é muito mais que estilo né, é reencontro (emojis)”.¹⁷*

É possível percebermos nitidamente que essas mulheres que se sentem representadas pela Amanda na transição capilar enfrentaram ou estão enfrentando a violência simbólica através da pressão da sociedade para que tenham o tipo de cabelo considerado bonito, o liso:

Comentário 6: *Você é batalhadora. Me inspira muito a ser mais eu mesmo, viver pra mim e não ficar alienado, atropelado por padrões impostos pela sociedade e a mídia. Podemos ter o cabelo que quisermos, pois o mais importante é amor a si próprio, sabendo que mesmo fora dos padrões você é especial e se sentir bem/em paz/empoderada. (emoji).*

Comentário 7: *Não é deixa o cabelo natural mais sim tbm para de pensa no q as pessoas pensa sobre nossa aparência. Muito muito difícil pra mim pois*

¹⁷ *Emojis* são representações gráficas que expressam emoções, atitudes ou estados de espírito através de figuras, podendo transmitir a ideia de uma palavra ou frase completa. Fontes: <https://dicionario.priberam.org/emoji> e <https://www.significados.com.br/emoji/>

tenho a alto estima baixa mais graças a Deus e minha força de vontade venciv (emoji).

Comentário 8: *É NESSA FORÇA QUE ENTRAMOS NA GUERRA CONTRA O RACISMO E CONTRA OS PADRÕES EXIGIDOS PELA SOCIEDADE !*
Amanda.

A sociedade simplesmente não enxerga tudo que essa pressão causa sobre a mulher negra, o que faz com que mulheres se machuquem a todo custo para não deixarem seus cabelos naturais aparecerem e conseguirem se sentir inclusas. A transição é um processo de aceitação, na maioria das vezes doloroso internamente, pois interfere diretamente na autoestima daquela mulher que por anos fez tudo que estava ao seu alcance para se sentir aceita, agora ela precisa se aceitar com o cabelo natural e se sentir confiante ao ponto de não permitir mais que a sociedade lhe diga se está bonito ou feio. Um dos comentários desta publicação relata exatamente isso:

Comentário 9: *É tudo o que queria dizer pro mundo. Me criticaram a cada passo da transição até o big chop, pessoas falando sem saber coisas do tipo "estragou seu cabelo por isso agora ta assim"... Eu depois que fiz o big chop comecei a me sentir livre, a me sentir EU, eu tava tão feliz e viam dizer pra mim que meu cabelo era mais bonito grande, que tava melhor antes mas que td bem cabelo crescia era só não fazer merda dnv. Isso me botou mt, mas mt pra baixo msm, em uma época que precisava de apoio as pessoas me afundavam. Mas com o tempo comecei a não ligar, amar o meu cabelo e cada fase dele. Um tempo se passou e as pessoas que afundaram com comentários desnecessários vieram com mais "teu cabelo ta crescendo ta ficando bonito" não meu cabelo não tava ficando bonito ele estava lindo, desde que o momento em que fiz o big chop meu cabelo estava maravilhoso, mas oq importa pra pessoas é o comprimento. Hoje essas mesmas pessoas vêem com "seu cabelo é lindo" "seu cabelo tá ótimo, vê se não estraga dnv" meu cabelo nunca esteve tão lindo realmente pq essa fase toda eu aprendi a cuidar dele, aprendi os melhores jeitos de se pentear ele e ainda to*

aprendendo e também nessa fase aprendi a me amar independente do meu cabelo e aparência [...]

É necessário que a branquitude aprenda e respeite o fato de que mulheres negras e seus corpos não são objetos a serem explorados, suas características são simplesmente características e não alvos de comentários e ofensas. Ribeiro (2018) acrescenta que as pessoas precisam parar com a síndrome do privilegiado, julgando que podem falar sobre qualquer coisa, elas até podem falar, mas antes disso devem se perguntar “devo?”.

Figura 13 - 2ª publicação analisada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BcqaAz8ne9D/?igshid=dmbvyj7zzleu> (2020)

A segunda publicação analisada do perfil da Amanda possuía o total de 336 comentários, tendo sido extraídos 256 comentários, sem as respostas.

Tabela 2 - Comentários publicação 2 - Amanda

Marcações	Aleatórios	Elogios	Inspiração	Representatividade na TC
30	36	121	48	21

Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Conforme podemos verificar na figura 11, assim como na figura 10, trata-se de uma publicação completamente voltada ao tema transição capilar, com uma montagem de fotos mostrando uma logo após o “BC” e outra foto após um ano e quatro meses, mostrando o crescimento capilar.

Nesta segunda publicação, na categoria “Representatividade na TC” podemos visualizar comentários de mulheres em que fica evidente que, além da influenciadora ser uma inspiração, ela ajuda essas mulheres a continuarem no processo, deixando explícito que é uma luta de quebra de padrões e que não irão desistir por pensamentos e pressões da sociedade.

Comentário 1: Que lindeza (emojis) é isso aí, vamos continuar lutando (emoji) obrigada por nos inspirar, nos fazer acreditar que somos bonitos e fortes do jeito que somos. Mostrar que existem várias diferenças, q cada um é diferente porém iguais em direitos; e é essa a bandeira que todo ser humano deve levantar: o respeito! Você é maravilhosa (emoji) te admiro muito (emoji).

Comentário 2: Faço minhas suas palavras por que eu usei a transição não sou pra aceitar minha identidade ,usei também pra me redescobrir como pessoa ,como mulher ,negra ,crespa dentro da sociedade e você me representa e me inspira muito (emojis).

Comentário 3: Você é minha inspiração, eu me aceitei e estou chegando lá, amo o meu cabelo do jeito que ele é e nunca mais vou mudar ele pra ser aceito pela tal sociedade, me amo do jeito que sou, você me inspira (emoji)!

Comentário 4: É só o começo" parece clichê mas não é, vamos ver Negras linda nas ruas com esse pensamento!! Isso que você tá fazendo não é só um sonho seu, que acompanhamos é um marco na História do Brasil e do mundo!! Resistência (emoji)

Figura 14 - 3ª publicação analisada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BqNuFM4AhOV/?igshid=1wi1cli2buzcd> (2020)

A terceira publicação analisada foi do perfil da Ana Lúcia, contendo um total de 1750 comentários no dia da exportação, sendo exportados 1339 comentários, por não conter as respostas. Na tabela 3 podemos visualizar quantos comentários houve para cada segmentação.

Tabela 3 - Comentários publicação 1 - Ana Lúcia

Marcações	Aleatórios	Elogios	Inspiração	Representatividade na TC
609	150	159	105	316

Fonte: Elaborada pela autora (2020)

Nesta publicação houve um grande número de comentários na segmentação “Representatividade na TC”, seguem alguns deles:

Comentário 1: Fiz bc há 3 anos. Passei dias com um misto de insegurança, alegria, críticas negativas e positivas, mas a maior sensação foi a de

LIBERDADE. Me descobri e encontrei meu próprio EU depois da transição capilar. (emojis)

Comentário 2: Libertador! Essa palavra define! Poder se assumir e se amar do seu jeito. Não dar a mínima para opinião alheia é sem dúvida o passo mais importante. (emoji)

Comentário 3: Menina, uma verdade foi dita: "ah, se a gente soubesse que não é só o nosso cabelo que cresce!" // realmente foi isso que me aconteceu. Eu venci a transição e posso dizer que foi um processo de evolução que acontece de dentro pra fora. No fim das contas, nunca é "só um cabelo". Tô muito feliz com a minha conquista e de pessoas que passaram e passam por essa mesma montanha russa (emoji)

Há vários comentários em que as mulheres relatam o quanto as pessoas a sua volta afetam sua autoestima e fazem com que elas muitas vezes se auto sabotem, pensando se irão ou não continuar na TC. Isso nada mais é do que a sociedade praticando a violência simbólica com essas mulheres, impondo que o cabelo padrão e bonito é o liso e não o seu cabelo natural:

Comentário 4: Eu vivo essa montanha russa. Tem dias que acordo e TD q eu quero é fazer o BC, e aí as pessoas chegam e falam vc não vai ficar bonita de cabelo curto, não faz isso ! Busco apóio e parece que não tenho. Achei em vc @analidialopess, qnd comecei a ver seus vídeos lá no comecinho do ano e descidi q era isso que eu queria e estou eu aqui com 8 meses sem da química alguma no cabelo, e decidida a fazer o BC #voltandoaoscachos

Comentário 5: A melhor fase de superação e conquista que uma mulher pode ter é a transição capilar. Faz uma semana que eu fiz o meu BC e fiquei 1 ano em transição e cortar o cabelo é libertador, a sensação de poder se sentir livre da química e dos padrões que são impostas pela sociedade. Você foi uma grande inspiração pra mim não desistir [...]

Comentário 6: *Não é fácil, temos que ter muito foco na que realmente queremos, porque a toda jora chegar um ou outro e fala algo nós deixa pra baixo. Porém o resultado é muito maior que tudo. Está valendo a pena.*

Comentário 7: *[...] Quando no começo vc acha q não vai conseguir se libertar, até mesmo pelas pessoas à volta q mts das vezes não ajudam com brincadeiras ou comentários desnecessários, mas enfrentar tudo isso e ir percebendo q foi a melhor decisão tomada é incrível. Mts pessoas chamam a transição de modinha, eu no começo até deixei me levar, mas se a vontade de mudar não vem de dentro realmente você não consegue seguir em frente [...]*

A admiração e os agradecimentos pela forma como a influenciadora apoia e aborda o tema também é algo nítido nos comentários, essas mulheres realmente se sentem amparadas:

Comentário 8: *@analidialopess fazem praticamente 3 anos que eu resolvi voltar ao meu cabelo natural. Quando eu estava na metade da minha transição capilar conheci o seu canal quando eu procurava penteados para o meu cabelo, desde aquele dia lhe admiro muito por dar sempre essa força para todas nós crespas e cacheadas que muitas vezes temos pouco ânimo para continuar a transição até o fim. Hoje depois de chegar ao meu cabelo natural me descobri uma nova pessoa. E a cada dia que vejo meu cabelo eu agradeço pela mudança que ele me trouxe, acredito que eu não seria tão feliz e grata quanto eu sou hj por ter me aceitado, e nesse caminho ter conhecido o seu canal e de várias outras crespas e cacheadas. Obrigada pela paz que vc transmite! (emojis)*

Comentário 9: *Você foi a primeira cacheada em transição que eu encontrei quando eu também estava em transição capilar. Passamos juntas! Te admiro demais. Você me deu força pra continuar! (emoji)*

Comentário 10: *Vc é uma lindaaa viu! E é inspiração pra muitas meninas, inclusive pra mim. Seus videos e depoimentos foram um dos motivos pra que eu decidisse entrar na transição. Ainda estou no processo, mas cada dia que passa me sinto mais segura e bem comigo mesma. Eu me permitindo ser eu mesma a cada dia... Beijoss...*

Comentário 11: *Estou há um ano nessa montanha russa e QUE MONTANHA RUSSA, menina. Esse misto de sentimentos, emoções e sensações é muito louco e às vezes dá vontade de sumir, mas pessoas como você nos dão forças para continuar. Mesmo de longe e sem saber, você é uma dessas pessoas gritando lá de baixo e me dando apoio, me inspirando e dizendo que isso tudo vai valer a pena. Obrigada por ser essa inspiração para mim e para milhares de pessoas [...]*

Comentário 12: *Foi por causa dessa linda @analidialopess que tive coragem de assumir um cabelo que tanto odiava, muitos elogiaram essa coragem, por outro escutem tanta coisa que me feriu (emoji). Isso me tornou tão forte, e me fez inteira! Hoje meu cabelo é a minha identidade e a parte que mais gosto de mim (emoji) Obrigada por ser a melhor influência que tive na internet (emojis)*

Figura 15 - 4ª publicação analisada



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BxLkH3agBpu/?igshid=96lveowk7wee> (2020)

A quarta e última publicação analisada foi também da influenciadora Ana Lúcia, possuindo 1833 comentários ao total, sendo 1184 comentários exportados. É possível visualizarmos na tabela 4 a quantidade de comentários para cada segmentação.

Tabela 4 - Comentários publicação 2 - Ana Lúcia

Marcações	Aleatórios	Elogios	Inspiração	Representatividade na TC
603	114	232	106	129

Fonte: Elaborada pela autora (2020)

A dificuldade de aceitação, durante o período da transição capilar, é nítida nos comentários, o quão complicado e desafiador é lidar com as duas texturas e conseguir se sentir bonita.

Comentário 1: *Estou há 1 ano e 6 meses sem química, ora surto, ora choro pq não estou me sentindo bem com esse cabelo horrível... Nunca aceitei meu cabelo natural, mas estava cansada de viver escrava da escova e com cabelo tão sem vida.... Quando iniciei a transição, vivia olhando para as cacheadas na rua na intenção de reconhecer em alguma delas um cabelo como o meu, sim, porquê fazia química desde os 12 anos, então eu não reconhecia mais meu cabelo até achar seu vídeo no you tube... Vc me deu esperanças de novo de me sentir bem comigo e recuperar minha identidade (emoji)*
Cortei na altura do ombro, agora vou fazer outro corte, mas não tão radical pq ainda não estou preparada...Por enquanto, vou seguindo com a coragem que me resta.

Comentário 2: *Tô em transição está difícil e doloroso mas sei q depois vira a felicidade eterna.*

Comentário 3: *Estou em transição! mas as vezes da vontade de desistir : (é muito difícil!*

Ainda que seja um período difícil de enfrentar até o final, as mulheres falam a importância de vencer esse processo e de se aceitar.

Comentário 4: *E vc ajudou na minha! Realmente Ana, olhando para trás hoje parece que foi ontem. Uma decisão difícil, cheia de desafios estéticos e sociais. Mas que fortalecem nossa auto estima e nosso olhar para o natural! Quando estamos no meio dela, parece que não passa o tempo. No entanto, quando vc se faz florir e se liberta, parece que os pesos se vão! E seu olhar ao espelho sorri! (emoji)*

Comentário 5: *Linda demais! (emoji) Como nos transforma essa transição, nao só fisicamente como mentalmente. (emojis)*

Comentário 6: Como ficamos lindas qdo realmente nos aceitamos, aceitação nos transforma de dentro pra fora, qdo assumimos a nossa verdadeira identidade a beleza que existe em nós resplandece sem mto esforço, vc sem dúvida nenhuma está mto mais bonita hoje, mostrando seu verdadeiro eu (emojis)

Nas segmentações “Inspiração” e “Representatividade na TC” tivemos 235 comentários, são muitas as mulheres agradecendo a Ana Lídia por ser inspiração, por gerar conteúdos tratando sobre o tema transição capilar e conseqüentemente ajudando elas a verem que é possível vencer essa luta, transmitindo força e mostrando que não estão sozinhas, mesmo sendo através da *internet*, a influenciadora auxiliou essas mulheres a se aceitarem.

Comentário 7: Eu te agradeço tanto , através de você da sua garra , de transparecer coisas boas na sua transição e no BC eu tive coragem pra enfrentar cada um que riam de mim , Hoje TO muito feliz por ter meu cabelinho lindo e sem química , em 2017 cortei sem medo , Te agradeço muito , minha inspiração (emoji)

Comentário 8: Você foi minha inspiração em cuidar dos meus cachos.. Eu nao gostava deles de jeito nenhum e eu achava que ninguém iria gostar de mim tbm. .obrigado Ana (emoji) Você é linda

Comentário 9: Ahh eu lembro de cada fase sua. E agradeço muito por cada foto, incentivo e principalmente as suas palavras de afirmações para quem estava em transição (eu era uma delas). E hoje eu amo tanto meu cabelo, cortei ele junto com você em um vídeo, e hoje, hidratamos os cabelos juntas kkkkkk. Muito obrigada, você despertou uma auto-estima enorme em mim. (emojis)

Comentário 10: Me inspirei em muitas meninas durante a transição, mas assistir o vídeo do seu BC, vendo a sua coragem (tão novinha e encarando

tudo aquilo com tanto amor e paz no coração), foi o que me impulsionou a criar coragem e passar a tesoura! Hoje sou extremamente grata a essa decisão. Obrigada @analidialopess, você é realmente incrível e merece tudo de melhor nesse mundo! (emoji)

Comentário 11: Eu me inspirei muito em você no meu período de transição e tbm a duas amigas que aviam passado recentemente por esse processo, fiquei 8 meses na transição e ontem já fez 10 meses que fiz o Bc , e graças a Deus meu cabelo vem crescendo bem, e estou amando muito!! Você me inspirou e continue assim inspirando outras meninas (emoji)! Ps: pras meninas que estão na transição, tenham força, e persistência, se amem em cada fase e respira que tudo passa , e no fim vai valer muito apena [...]

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar, explicar e demonstrar a importância da transição capilar na vida de mulheres negras que enfrentam diariamente a pressão estética da sociedade, e o quanto a rede social Instagram pode auxiliar neste processo. Assim, se buscou responder o problema de pesquisa: como a violência simbólica que atinge mulheres negras através do padrão de beleza baseado no cabelo liso pode ser superada através de perfis de apoio ao processo de transição capilar no Instagram?

Relacionado ao problema tivemos os objetivos, sendo o objetivo geral analisar publicações de perfis no Instagram que podem auxiliar no processo de transição capilar de mulheres negras. Optou-se pela escolha de dois perfis e duas publicações de cada perfil. Como objetivos específicos, foram elaborados três: observar os comentários das mulheres seguidoras dos perfis analisados para mapear possíveis ocorrências de violência simbólica contra mulheres negras causada pelo padrão de beleza baseado no cabelo liso; analisar os comentários das seguidoras para identificar sentidos que revelam conteúdos sobre violência simbólica causada pelo padrão de beleza baseado no cabelo liso e verificar o impacto do Instagram como um elemento facilitador no processo de transição capilar de mulheres negras que buscam aceitação de seu próprio cabelo e/ou identidade.

Ao realizar a busca de perfis de mulheres com influência digital e que tratam sobre o tema transição capilar, foi percebido que há um grande crescimento de perfis abordando o tema, com conteúdos de diversas formas, como fotos, vídeos, dicas, trocas de experiências, resoluções de dúvidas.

Através dos comentários das categorias “Representatividade na Transição Capilar” e “Inspiração” foi evidenciada a violência simbólica que mulheres negras enfrentam da sociedade relacionada à pressão de manterem seus cabelos lisos através da química para conseguirem se sentir aceitas e incluídas. Foi também demonstrada a coragem e confiança necessárias que essas mulheres precisam para assumir os seus cabelos crespos naturais e o grande conflito que acabam enfrentando, não somente com a sociedade, mas com elas mesmas, internamente.

Além disso, nessas publicações que abordam o tema sobre a TC, foram identificados muitos comentários de apoio, mulheres marcando outras mulheres para incentivarem estas a enfrentar e seguir firmemente no processo da transição. Foi visto muitos comentários de apoio, de incentivo e de inspiração que correspondem à aceitação pela qual essas mulheres passam.

Notou-se que cada vez mais a pauta sobre o cabelo crespo vem ganhando espaço, a representatividade enfim está sendo conquistada, mulheres negras estão alcançando lugares que deveriam ser seus desde sempre.

Para falar sobre a transição capilar e violência simbólica, foi extremamente necessário que falássemos sobre temas que abrangem esses assuntos, como o feminismo, o feminismo negro, o racismo, o cabelo perante a sociedade, o crescimento das redes sociais e os diferentes tipos de violência. Mesmo a TC sendo um processo demorado e difícil, as mulheres que o enfrentam sabem que não estão sozinhas, elas buscam e encontram um refúgio e um lugar onde há mais mulheres enfrentando o mesmo processo que elas. Os conteúdos sobre a TC gerados pelas influenciadoras são um suporte para as mulheres que estão em transição capilar, ali elas percebem um acolhimento e veem que mesmo sendo um processo que gera uma incerteza, elas enxergam mulheres que também passaram por isso e se redescobriram com o resultado.

A transição capilar é um processo de aceitação e uma luta constante com a própria autoestima, é um ato de posicionamento e resistência para com o padrão estético imposto pela sociedade. Durante o seu enfrentamento se adquire orgulho do seu cabelo crespo e se conquista um novo olhar sobre si mesma, uma nova forma de se enxergar.

A partir do referencial teórico, aprendemos a necessidade do surgimento do feminismo negro, vimos que mulheres negras lutam para conseguirem ser livres e respeitadas há muitas décadas e que essa luta continua. Compreendemos o que é a violência simbólica e como, mesmo que silenciosa, ela se reproduz quando a sociedade dominante impõe aos dominados que o seu padrão é o que deve ser respeitado. Na análise, ficou nítida a importância e o alcance que as redes sociais, neste caso o Instagram, vem atingindo. As usuárias estão cada mais se inovando e

conquistando o seu lugar na plataforma, conseguindo atrair e adquirir muitas seguidoras, mediante seus conteúdos voltados para auxiliar essas seguidoras.

O tema do trabalho deu-se por a autora ter enfrentado a transição capilar durante a sua construção, e além disso, a vontade e necessidade que foi sentida de tratar sobre o tema, vinculando-o à violência simbólica que mulheres negras enfrentam em sua rotina e que ainda continuam tendo que pedir respeito, sendo resistência com seus cabelos crespos.

No decorrer da pesquisa, ao estudar sobre a importância da representatividade da mulher negra na sociedade desde sua infância, para que ela entenda que seu cabelo crespo é bonito, sugere-se para pesquisas futuras abordar como as redes sociais poderão auxiliar na construção da criança negra, para que se tenha entendimento sobre sua negritude e se sinta representada nos meios de comunicação, visto que cada vez mais crianças estão ativas na *internet* e nas redes sociais. Durante o estudo também se notou uma escassez de trabalhos acadêmicos referentes ao tema e para mulheres negras, sendo pensada como sugestão para uma futura pesquisa, abordar como a violência simbólica está inserida na falta de representatividade da mulher negra nas Universidades.

Espera-se que o presente estudo acrescente na relevância de trabalhos criados por negras e direcionados a auxiliar mulheres negras e se deseja que essa relevância cresça e conquiste cada vez mais o seu espaço.

REFERÊNCIAS

BERTOLDI, Camila Santos. **Consumidor seguidor: Um estudo sobre a publicidade no site de rede social Instagram.** 2015. 49 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/127968>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 3 maio 2020.

BLYSTONE, Dan. **The Story of Instagram: The Rise of the #1 Photo-Sharing Application.** 2020. Disponível em: <<https://www.investopedia.com/articles/investing/102615/story-instagram-rise-1-photo-sharing-app.asp>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

CELEBSKART. **Hair Love Wins for Short Film (Animated) | Oscars 2020.** 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hlh1TMIJ220>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

CRISPIM, Tamires. **Neggata: “A falta de representatividade me impulsionou a usar a internet como um instrumento de fala”.** Disponível em: <<https://www.allthingshair.com/pt-br/penteados-cortes/cabelos-crespos/neggata-falta-de-representatividade/>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. 331 p. Tradução de: Heci Regina Candiani.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Consulte o significado / definição de emoji no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2013. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/emoji>>. Acesso em: 15 jun. 2020

G1 BA. **Jovem usa redes sociais para denunciar padrasto por tortura e estupro contra ela e a mãe na Bahia: “Abortei várias vezes”**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/02/20/jovem-usa-redes-sociais-para-denunciar-padrasto-por-tortura-e-estupro-contra-ela-e-a-mae-na-ba-abortei-varias-vezes.ghtml>>. Acesso em: 6 jul. 2020.

HENN, R.; GONZATTI, C.; ESMITIZ, F. Pussy made of steel: os sentidos inaugurados por um cartaz da Women’s March na página Supergirl Brasil. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 401-414, set./dez. 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 175 p.

IFÉ, Lorena Morais. **Da química ao natural: o processo de transição capilar**. 2013. Publicado no blog Encrespando. Disponível em: <<https://lorenamorais.wordpress.com/2013/11/20/da-quimica-ao-natural-o-processo-de-transicao-capilar/>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

KRUG, Etienne G. et al (Ed.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. 2002. Disponível em: <<http://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2019.

MÄDER, Guilherme Ribeiro Colaço. **Masculino genérico e sexismo gramatical**. 2015. 159f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158447>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

MALESSA, Francine da Silveira. **DISPUTAS DE SENTIDOS SOBRE DIREITO AO ABORTO NO CAMPO PROBLEMÁTICO DO ACONTECIMENTO PÚBLICO: A Primavera das Mulheres e o Cavalo de Troia**. 2019. 227 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8703?locale-attribute=en>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

MARTINELLI, Andréa. **Violência psicológica é a forma mais subjetiva de agressão contra a mulher; saiba como identificar**. 2014. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2014/11/25/violencia-psicologica-e-a-forma-mais-subjetiva-de-agressao-contr_a_21676045/#targetText=Viol%C3%Aancia%20psicol%C3%B3gica%20%C3%A9%20a%20forma,a%20mulher%3B%20saiba%20como%20identificar>. Acesso em: 05 set. 2019.

MARTINS, J. **O direito à memória: a luta pela legitimação e visibilidade das intelectuais negras na sociedade de Pernambuco**. Humanidades em diálogo, v. 8, p. 63–75, 14 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/140538>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **1. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde**. 2007. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20modulo_2/205631-conceitos_teorias_tipologias_violencia.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019.

NASCIMENTO, Henrique. **Entenda o que é violência simbólica**: No campo onde constituímos nossa forma de ver o mundo existe uma dimensão simbólica. É nesse espaço em que a violência simbólica é estabelecida.. 2018. Disponível em: <<https://www.uninassau.edu.br/noticias/entenda-o-que-e-violencia-simbolica>>.

Acesso em: 10 maio 2019.

PADILHA, Adriano. **Significado de Emoji**. 2019. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PAIVA, M.; SOUZA, K. Violência simbólica na mídia, reflexões acerca dos processos de socialização infantil. Revista Angelus Novus, n. 8, p. 253-280, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ran/article/view/107908>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram : considerações sob a perspectiva tecnológica**. 2012. 48 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Sociais - Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<https://www.bdm.unb.br/handle/10483/3243>>. Acesso em: 29 maio 2020.

RECUERO, R. **A CONVERSAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO NA COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR**. Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo, n. Cmc, p. 259–274, 2012. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/raquelrecuerolivrocasper.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 136 p.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Schwarcz S.a., 2018. 148 p.

SABBATINI, Marcelo. **A violência simbólica está viva e pululante!** 2018. Disponível em: <<https://www.marcelo.sabbatini.com/violencia-simbolica-viva-pululante-teoria-sociologia-educacao/>>. Acesso em: 10 maio 2019.

SACRAMENTO, Livia de Tartari e; REZENDE, Manuel Morgado. **Violências: lembrando alguns conceitos.** 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n24/n24a09.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2019.

SANTOS, José Vicente Tavares do. A violência simbólica: o Estado e as práticas sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Porto Alegre, p.183-190, 16 dez. 2015. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/6169>>. Acesso em: 10 maio 2019.

SANTOS, M.; CUNHA, R. **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS REDES SOCIAIS: INCITAÇÃO À VIOLÊNCIA COLETIVA (LINCHAMENTO).** Congresso Brasileiro de Direito da Sociedade da Informação, São Paulo, v. 7, pág. 10-22, nov./2014. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.fmu.br/index.php/CBSI/article/view/526/639>> Acesso em: 07 jul. 2019.

SONY PICTURES ANIMATION. **Hair Love | Oscar®-Winning Short Film (Full) | Sony Pictures Animation.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28>. Acesso em: 04 mar. 2020.

SOUZA, Caroline. **Mulheres relatam preconceito sofrido no mercado de trabalho:** o sexo, a cor da pele, o cabelo crespo e o peso são alguns dos aspectos que, mesmo de forma velada, eliminam candidatas na entrevista de emprego. 2018. Disponível em: <<https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/mulheres-relatam-preconceito-sofrido-no-mercado-de-trabalho/109449/>>. Acesso em: 13 maio 2020.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática.** 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122006000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 maio 2019.

TIBURI, Marcia. **Feminismo para todas, todes e todos.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. 125 p.

VIEIRA, Kauê. **O FEMINISMO NEGRO NO BRASIL: UM PAPO COM DJAMILA RIBEIRO.** Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/o-feminismo-negro-brasil-um-papo-com-djamila-ribeiro/>>. Acesso em: 13 out. 2019.